



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA**

ALBENISE MARIANA DE QUEIROZ SALES

**LITERATURA EM QUADRINHOS:
TRÊS CONTOS DE GUY DE MAUPASSANT**

CAMPINA GRANDE - PB

2015

ALBENISE MARIANA DE QUEIROZ SALES

**LITERATURA EM QUADRINHOS:
TRÊS CONTOS DE GUY DE MAUPASSANT**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa.

Orientadora: Professora Doutora Josilene Pinheiro-Mariz.

CAMPINA GRANDE - PB

2015

Literatura em quadrinhos: três contos de Guy de Maupassant

Monografia a ser apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz.

Aprovada em: ____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Profa. Dr^a. Josilene Pinheiro-Mariz – Orientadora - UFCG

Profa. Dr^a. Carmen Verônica Nóbrega de Almeida Ribeiro - UFCG

Prof. Me. Nyeberth Emanuel Pereira dos Santos - UFCG

CAMPINA GRANDE - PB

2015

Dedico este trabalho aos meus pais, que são as pessoas que mais amo no mundo e que me deram o suporte necessário para que eu concluísse minha graduação.

Agradecimentos

Aos meus pais, pela sabedoria transmitida e pelo incentivo que foi necessário para a continuação dos meus estudos.

A minha professora, orientadora e amiga Josilene Pinheiro-Mariz, por sua paciência nessa difícil tarefa de escrever e pelos conselhos dados durante minha jornada acadêmica, sem seus direcionamentos, talvez não tivesse chegado até aqui.

Agradeço de todo coração aos amigos e colegas que tive a oportunidade de conhecer nessa caminhada. Obrigada pelas conversas nos corredores e praças da universidade, em vocês eu encontrei afago. Foi o que aprendi nestes poucos momentos de partilha o que vou levar de mais importante para minha vida inteira. Vocês é que fizeram essa jornada dos últimos semestres valer à pena.

A Universidade Federal de Campina Grande e ao corpo docente da Unidade Acadêmica de Letras que me deram a oportunidade de abrir meu horizonte de estudo, que seguirá em expansão daqui para frente.

A todos que não citei, mas que me auxiliaram até aqui.

Muito obrigada!

Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem forte, jucundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e parece como o outro, mas o tempo subsiste.

Machado de Assis

RESUMO

A Literatura é uma arte que dialoga com outras artes, tais como as Artes Plásticas e Visuais e também as Histórias em Quadrinhos. Hoje, esse diálogo vem sendo alvo de estudo na academia, principalmente quando se trata da relação estabelecida entre as histórias em quadrinhos (HQ) ou arte sequencial (EISNER, 2010) e a literatura. Tais debates surgiram de forma delicada a partir do crescimento de transposições de obras literárias para HQ. Muito se questiona sobre o valor dessas adaptações, já que a HQ foi, por muitos anos, tratada como um gênero marginalizado, argumentando-se não ter nela nenhum valor teórico e/ou disciplinar (VERGUEIRO; RAMOS, 2009). No Brasil, é preconizado que o estudante desenvolva, ao longo de sua formação, a capacidade de leitura de textos multimodais (PCN, 2008 p.67). Por isso, no ano de 2006, as histórias em quadrinhos foram inseridas na lista do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). Pensando em todos esses levantamentos, buscamos respostas para a nossa questão norteadora: a adaptação quadrinística é fiel à obra literária original? A partir dessa interrogação, temos como intuito analisar a HQ enquanto adaptação de obra literária; entretanto, buscamos também revelar a legitimidade dos quadrinhos, como gênero e sua importância para uma formação do leitor. Para isso, neste trabalho, analisamos comparativamente a relação entre os contos *En Voyage* (1883), *Le parapluie* (1884) e *Le masque* (1889), de Guy de Maupassant e suas respectivas adaptações para os quadrinhos, feitas por Colette Samson e Thierry Beaudenon (2013) e pensadas para leitores de língua francesa do nível A2 ao B1 segundo o QECRL (2001). Nossos objetivos são: identificar os efeitos de sentido criados pelo encadeamento narrativo das imagens; observar a escolha do encadeamento e da forma, na perspectiva da história, bem como são postos os discursos do narrador e das personagens; analisar as equivalências entre narrativa e desenho. Esses objetivos foram estabelecidos com base nos pressupostos de análise de HQ apresentados por Dürrenmatt (2013), dentre outros. Esta pesquisa bibliográfica e qualitativa aponta para resultados que ratificam a HQ adaptada de obras literárias como um importante recurso para motivar a leitura literária entre jovens aprendizes da língua francesa. Ressalte-se, contudo, que tal forma de leitura não se configura unicamente como apoio a esses jovens leitores, apresentando um formato que atrai e motiva o interesse pela leitura de qualquer outro tipo leitor.

Palavras-chave: Literatura. Histórias em quadrinhos. Ensino de FLE.

RÉSUMÉ

La littérature est un art qui fait un dialogue avec autres arts, comme les arts plastiques et visuels et aussi avec les Bandes Dessinées. Aujourd'hui, ce dialogue a été objet d'études à l'académie, surtout quand on parle de la relation établie entre les BD ou l'art séquentiel (EISNER, 2010) et de la littérature. Ces débats ont surgi délicatement à partir de la croissance des adaptations de l'oeuvre littéraire pour les BD. Des questions sont incitées en ce qui concerne la valeur de ces adaptations, parce que la BD a été traitée, depuis de nombreuses années, comme un genre marginalisé, qui n'avait pas d'importance théorique et / ou disciplinaire (VERGUEIRO; RAMOS, 2009). Au Brésil, il est recommandé que l'étudiant développe au cours de sa formation, la capacité de lire des textes multimodaux (PCN 2008 p.67). Ainsi, en 2006, les bandes dessinées ont été insérés dans le classement du PNBE (Programme Bibliothèque École Nationale). En observant toutes ces enquêtes, nous cherchons des réponses à notre question de recherche: l'adaptation en BD est fidèle à l'oeuvre littéraire originale? À partir de cette question, nous avons l'intention d'analyser la BD tandis qu'adaptation de l'oeuvre littéraire, cependant, nous voulons également mettre en relief la légitimité de la bande dessinée comme un genre et aussi démontrer son importance pour la formation des lecteurs. Pour cela, dans le présent travail, nous analysons, comparativement, la relation entre les contes *En Voyage* (1883), *Le parapluie* (1884) et *Le Masque* (1889), de Guy de Maupassant et leurs adaptations à la Bande Dessinée, faites par Colette Samson et Thierry Beaudenon (2013) et conçu pour les lecteurs de langue française au niveau A2 et B2 selon le CECR (2001). Nos objectifs sont: identifier les effets de sens créés par la chaîne narrative des images; observer le choix de chaînage et de la forme, du point de vue de l'histoire, et comme sont fixés les discours du narrateur et des personnages; analyser les équivalences entre la narration et le dessin. Ces objectifs se sont basés sur les hypothèses d'analyser des BD formulées par Dürrenmatt (2013). Cette recherche bibliographique et qualitative signale les résultats qui ractifient la BD adaptée de l'oeuvre littéraire en tant qu'un important support pour inciter la lecture littéraire parmi les jeunes lecteurs apprentis de la langue française. Nous soulignons, néanmoins que cette façon de lire n'est pas la seule façon d'offrir support à ces jeunes lecteurs, se présentant comme une manière d'attirer l'attention et d'encourager l'intérêt pour la lecture de tous les genres de lecteurs.

Mots-clés: Littérature. Bande Dessinée. Enseignement de FLE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pinturas rupestres.....	16
Figura 2: <i>Les Amour du vieux bois</i> , de Rodolph Topffer.....	17
Figura 3: Charge publicada no jornal Diabo Coxo.....	18
Figura 4: Imagem de uma charge de George Colomb.....	19
Figura 5: Recorte Da HQ Yellow Kid.....	20
Figura 6: Recorte 1 da HQ <i>En Voyage</i>	36
Figura 7: Recorte 2 da HQ <i>En voyage</i>	37
Figura 8: Recorte 3 da HQ <i>En voyage</i>	38
Figura 9: Recorte 4 da HQ <i>En voyage</i>	39
Figura 10: Recorte 5 da HQ <i>En voyage</i>	40
Figura 11: Recorte 6 da HQ <i>En voyage</i>	41
Figura 12: Recorte 7 da HQ <i>En voyage</i>	41
Figura 13: Recorte da 1 HQ <i>Le parapluie</i>	43
Figura 14: Recorte 2 da HQ <i>Le parapluie</i>	44
Figura 15: Recorte 3 da HQ <i>Le parapluie</i>	45
Figura 16: Recorte 4 da HQ <i>Le parapluie</i>	46
Figura 17: Recorte 1 da HQ <i>Le masque</i>	49
Figura 18: Recorte 2 da HQ <i>Le masque</i>	49
Figura 19: Recorte 3 da HQ <i>Le masque</i>	50
Figura 20: Recorte 4 da HQ <i>Le masque</i>	51
Figura 21: Recorte 5 da HQ <i>Le masque</i>	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. QUADRINHOS E LITERATURA: GENÊROS DISTINTOS.....	15
2.1 Histórias em quadrinhos: um hipergênero	15
2.2 Histórias em quadrinhos e literatura	23
2.3 A leitura em classe em FLE.....	27
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 Direcionamentos centrais.....	29
3.2 Nos caminhos da pesquisa qualitativa	29
3.3 <i>Corpus</i> e fundamentos para a análise	30
4. ENTRE A HQ E TRES CONTOS DE MAUPASSANT E A HQ : ALGUNS RESULTADOS.....	33
4.1 <i>En Voyage</i>	34
4.2 <i>Le parapluie</i>	42
4.3 <i>Le masque</i>	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma arte que frequentemente dialoga com outras áreas de estudo, inclusive com outras artes, como por exemplo, as artes plásticas. Atualmente, algo que vem sendo foco de debates de estudiosos desses campos de conhecimento é a relação que se estabelece entre a literatura e a arte sequencial, um hipergênero (RAMOS, p.20, 2012). Essa relação vem sendo estudada em diversos campos, como nas adaptações que são constantemente feitas de obras literárias para as histórias em quadrinhos (doravante HQ).

A HQ, arte sequencial ou nona arte (EISNER, 2010), foi por muitos anos tratada, como um gênero marginalizado, argumentando-se não ter nela nenhum valor teórico e/ou disciplinar. Os educadores, por exemplo, acreditavam que as temáticas presentes nas HQ influenciavam negativamente os leitores e que a leitura desse gênero afastava os jovens da leitura de “livros de verdade” estimulando a “preguiça mental” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 07- aspas dos autores).

Entretanto, nos últimos vinte anos, a HQ vem ganhando cada vez mais visibilidade no que diz respeito ao estudo da sua linguagem, que é construída por imagens e texto, colocados em uma sequência, destinados a transmitir informações e produzir sensações no leitor/espectador (McCLOUD, 2005, p.05). Essa visibilidade veio graças a expansão dos quadrinhos pelo mundo e também pelo seu emprego no contexto escolar.

Hoje, no Brasil, com a reforma dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997), é preconizado que o estudante desenvolva também a capacidade de leitura de textos multimodais, textos que se referem a distintas formas e modos de representação na construção de um texto, como palavras, imagens, cores, gestos, entre outros (DIONÍSIO, 2005) como também de histórias em quadrinhos, bem como das mais diversas formas contemporâneas de linguagem (PCN, 2008 p.67). Gerando assim uma demanda no ensino leitura o que fez com que no ano de 2006, as histórias em quadrinhos fossem inseridas na lista do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). Entre, as obras selecionadas estavam: *A metamorfose*, de Peter Kuper (1958), adaptada da obra homônima Franz Kafka; *Os Lusíadas*, de Fido Nesti (1971), adaptada da obra de Luiz Vaz de Camões, *Dom Casmurro*, de José Aguiar Srbek (1975) e

Wellington Srbek (1974), adaptada da obra de mesmo nome, de Machado de Assis, dentre outros títulos.

Paralelamente a essa inserção, surgem as polêmicas em torno da delicada relação entre as HQ e a obra literária. Dito de outra forma, as histórias em quadrinhos e a literatura não devem estar no mesmo patamar, visto que são artes distintas e, no senso comum, uma é mais importante que a outra. Pensando nessa problemática, é por esse viés que desenvolvemos a nossa pesquisa, posto buscamos analisar, comparativamente, um conto de um cânone da literatura francesa e uma adaptação elaborada para aprendizes leitores de língua francesa.

Sabe-se que essas obras adaptadas foram recebidas pela escola como uma forma de estimular os estudantes no desenvolvimento da prática da leitura literária; no entanto, a delicada relação entre essas duas artes (a literária e a “nona arte”) tem provocado debates sobre o seu valor.

Portanto, muito se questiona sobre o valor dessas adaptações e partindo dessas observações, buscamos respostas para a nossa questão norteadora: a adaptação quadrinística é fiel à obra literária original? A partir dessa interrogação, pretendemos analisar o espaço que ocupa a HQ nos estudos da adaptação literária, revelando, então, a legitimidade dos quadrinhos para a formação do leitor.

Para isso, temos como intuito, neste trabalho, analisar comparativamente a relação entre os contos *En Voyage* (1883), *Le parapluie* (1884) e *Le masque* (1889), de Guy de Maupassant e suas respectivas adaptações para os quadrinhos, pensadas para leitores de língua francesa do nível A2 ao B1 segundo o QECRL¹ (2001) feitas pela quadrinista Colette Samson e Thierry Beaudenon, publicadas em 2013.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de fazer com que o estudante em fase inicial de aprendizagem de língua estrangeira, como também os demais leitores, possam, a partir do contato com essas obras, aprimorar sua formação leitora melhorando sua autonomia diante de uma sociedade letrada (SOLÉ, 1998) e também, aproveitar os

¹Esses níveis A2 e B1 estão sendo referidos aos graus de aprendizagem de LE definidos pelo QECRL (2001) onde é explicado que o aprendiz de nível intermediário tem uma capacidade de conhecimento linguístico e cultural mais limitada para ler textos de grande complexidade. O estudante A2 “É capaz de compreender frases isoladas e expressões de uso frequente relacionadas com assuntos de prioridade imediata (por exemplo, informações pessoais e familiares simples, compras, meio envolvente, trabalho)”. O Estudante B1 “Consegue compreender os principais pontos de uma comunicação familiar no trabalho, na escola, em momentos de lazer, etc. É capaz de produzir um discurso simples que consistente sobre temas e áreas de interesse familiar. Pode descrever um evento, experiência ou um sonho, descrever uma esperança, desejos e ambições e brevemente dar razões e explicações para opiniões e planos ideia”. (QECRL, 2001).

múltiplos prazeres da leitura, afinal de contas, lemos para o conhecimento, reflexão e aprendizagem; mas também lemos pela beleza da linguagem, pela emoção e para sonhar (MORAIS, 1997). Daí, portanto, a importância de uma pesquisa como esta, considerando-se que a leitura literária está para além dos limites das leituras de textos de outros gêneros, já que a obra literária ultrapassa os limites do tempo e do espaço, sendo, apropriada para qualquer pessoa, em qualquer lugar, como nos diz Sartre (2000).

Com base em nossa questão precursora, que tem o intuito de analisar a fidelidade entre a obra literária com sua adaptação quadrinística, e nos pontos essenciais de adaptação apresentados por Dürrenmatt (2013), temos como objetivo central identificar os efeitos de sentido criado pelo encadeamento narrativo das imagens. Desenvolvemos como objetivos específicos: observar a escolha da transposição textual da quadrinista, sob a ótica da narrativa do texto original; isto é, fazer uma comparação entre o que foi dito no conto e como foi colocado na adaptação. Analisar como são postos os discursos do narrador e das personagens; e, para finalizar, iremos observar as equivalências entre a narrativa e o desenho, com base nos pressupostos de análise de HQ apresentados por Dürrenmatt (2013).

Assim, esta monografia está dividida em três partes: que são as bases teóricas a partir de onde desenvolvemos a nossa análise, o percurso metodológico que nos conduziu às apreciações feitas na terceira parte e por fim, nossa análise de dados. Além dessas três partes, temos ainda aquelas que sempre estão presentes em trabalhos dessa natureza, como a introdução, as considerações finais e as referências.

No que concerne as noções teóricas, primeiramente, buscamos em estudiosos das histórias em quadrinhos, como Will Eisner (2010) e Scott McCloud (2005), noções básicas desse gênero, como foi construção ao longo do tempo, sua atual produção e o desenvolvimento de suas características próprias como linguagem. Ao mesmo tempo, nos apoiamos em Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009), para discorrer a respeito das funções didáticas do Quadrinho, seus elementos de estudo e sua aplicação em sala de aula.

Quanto ao segundo momento, sendo nossa pesquisa descritiva, com intuito de observar e analisar de forma minuciosa um determinado objetivo (MOREIRA; CALEFFE, 2006) faremos uma análise dos nossos dados para observar a forma com que os autores da HQ fizeram a transposição para os Quadrinhos do conto de Guy de Maupassant, nos apoiando nos conceitos base para análise de adaptação apresentados por Dürrenmatt (2013).

Tendo a HQ de Collette o objetivo de ser lida para leitores de língua francesa em nível iniciante/intermediário, notamos que o enquadramento da história foi por vezes mudado, para simplificar a leitura. Por isso, no terceiro momento de nosso trabalho, apresentaremos algumas observações e conclusões sobre o que por nós foi analisado a respeito dessa adaptação.

2. QUADRINHOS E LITERATURA: GÊNEROS DISTINTOS

Antes de discorrermos sobre nossas bases teóricas para a nossa análise, acreditamos ser necessário fazer um percurso histórico a respeito das histórias em quadrinhos, mostrando suas origens, sua evolução bem como sua importância como gênero. Isso se faz necessário, pois estamos estudando um gênero que ainda não se configura em ponto de unanimidade entre estudiosos da grande área das Letras.

Além disso, também apresentaremos algumas considerações sobre os diálogos estabelecidos entre Histórias em Quadrinhos e Literatura. Destacamos como eles estão ligados pela narrativa e como cada um carrega suas próprias características e formas de expressão.

Acreditamos ser igualmente importante discorrer sobre a leitura em língua estrangeira e, mais particularmente, em FLE (Francês Língua Estrangeira). Assim, esses aspectos se estabelecem como centrais para as nossas discussões neste trabalho de conclusão de curso.

2.1 Histórias em quadrinhos: um hipergênero

As histórias em quadrinhos são, segundo Will Eisner "uma forma artística e literária que é lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história e dramatizar uma ideia" (EISNER, 2010, p.07). Ela é uma narrativa gráfica que faz a junção do texto verbal, com frases e diálogos em balões e do texto não verbal, constituído por imagens. Outra característica da HQ é o fato de que ela é dividida em quadros, criando assim diferentes espaços de tempo através de diferentes cenas.

Mas de onde vieram as HQ? O uso dessa arte, ou desse gênero, tem origens muito antigas. Na pré-história, por exemplo, os chamados "homens das cavernas" já faziam uso dessa forma de linguagem quando se utilizavam das pinturas rupestres para narrar um fato.

Figura 1: Pinturas rupestres.



Fonte: fotos de natureza²

Então, poderíamos considerar as pinturas rupestres como o possível primeiro aparecimento do que entendemos hoje por HQ, no sentido de que os antigos já usavam imagens para compor uma narrativa, fazendo assim uma forma de arte sequencial.

Ainda na antiguidade, mas agora, um pouco mais próximo da modernidade, encontramos vestígios das HQ no século XIX, nas obras de artistas como o suíço Rudolph Töpffer (1799-1846) que em 1842 publicou nos Estados Unidos sua obra mais famosa intitulada como *Les Amours de monsieur Vieux Bois* ou, em português, *Os amores do senhor Jacarandá*, que é considerado o primeiro livro em banda desenhada, já publicado.

²Disponível em: <<http://fotosdenatureza.blogspot.com.br/2009/04/pinturas-pre-historicas-rupestres.html>>.

Figura 2: Recorte de *Les Amour du vieux bois*, de Rodolph Topffer



Fonte : Imagem retirada da Internet.³

As HQ também estão presentes nas obras do italiano Angelo Agostini (1843-1910), um desenhista que construiu carreira no Brasil contando histórias ilustradas da Guerra do Paraguai e fundando o *Diabo Coxo*, jornal paulistano ilustrado de caráter cultural e informativo que contava com a colaboração de textos de diversos poetas, tais como os do abolicionista Luiz Gama.

³Disponível em: <http://www.koregos.org/fr/pierre-franck_une-breve-introduction-a-la-bande-dessinee/1907/>

Charge publicada No *Jornal Diabo Coxo*



Fonte: Imagem reirada da internet. Texto de Luís Gama e ilustração de Angelo Agostini.⁴

Além de Agostine e Töpffer, um outro nome também foi bastante importante no período de desenvolvimento desse gênero: o francês Georges Colomb (1856-1945). Colomb e os demais autores aqui citados são considerados os pioneiros do gênero HQ, pois foi a partir de suas histórias e de seus desenhos que começou a ser gerado um real trabalho de junção de texto e imagens entendido como uma única narrativa. Por esse formato se aproximar bastante do que temos hoje, se acredita que eles foram os precursores da HQ.

⁴Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/reportagens/fidelidade_e_traicao_entre_caes_e_serres_humanos_6.html>.

Figura 4: Imagem de uma charge de George Colomb



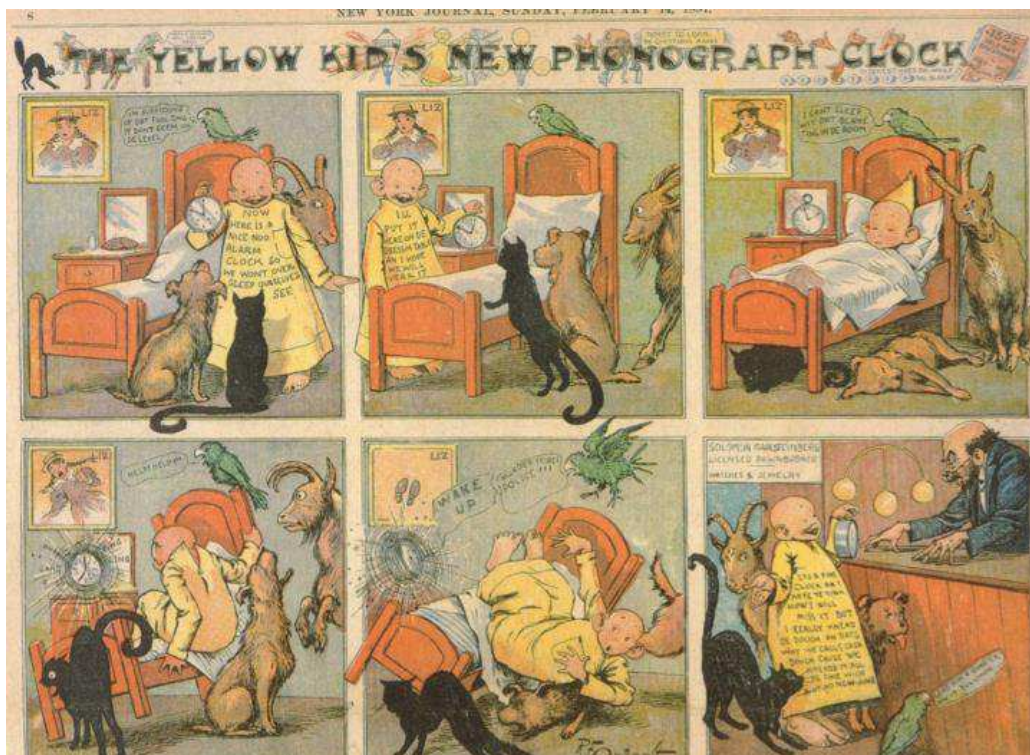
Fonte: Imagem retirada da internet.⁵

Ao longo do tempo, a junção de texto e imagens compoem uma mesma narrativa, sendo cada vez mais desenvolvida. Entretanto, somente em 1895, a partir das criações do artista norte-americano Richard Outcault (1863-1928), a produção de histórias em quadrinhos começou a se estabelecer de forma definitiva.

A HQ *Yellow Kid* é considerada a primeira história em quadrinhos da nossa sociedade. Ela traz a junção de quadros, diálogos e movimentos. Características bastante próximas das HQ que temos atualmente.

⁵Disponível em: <<http://ventdamont.blog50.com/archive/2010/09/18/la-mere-poulard-et-l-omelette2.html>>.

Figura 5: Recorte Da HQ *Yellow Kid* de Richard Outcault



Fonte: Imagem retirada da Internet ⁶

Estando a HQ, por muito tempo, em processo de “desenvolvimento”, diversos autores buscaram formas de caracterizá-la. Alguns atribuíram a ela o título de gênero literário, pela sua composição de tempo, personagens e espaço, elementos que compõem uma narrativa. Essa forma de enxergar a HQ pode ter surgido pelo desconhecimento do gênero dos quadrinhos ou ainda por uma tentativa de exaltá-lo, já que a literatura, a arte de compor e expor escritos artísticos, em prosa ou em verso, esteve, desde os primórdios, no topo do que é considerado belo e também de complexa definição, como diria Barthes (1979, p.18) “verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhe dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso”.

Alguns até mesmo afirmam que sendo a literatura integrante a cultura, ela é, em efeito, socializadora e humanizadora, e assim, deve sempre ser pensada em relação ao humano e sua expressão (LEAL, 2005).

Entretanto, Cândido (1995) explica a literatura como:

⁶ Disponível em: <<http://www.cantodosclassicos.com/como-surgiram-historias-em-quadrinhos/>>.

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, a afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 1995, p. 249.)

O texto literário promove o prazer estético e também é um exercício que exige reflexão. Sendo assim, entendemos que se faz necessário conhecimento, sabedoria e sensibilidade para compreender uma obra literária. Ela é uma obra que tem a capacidade de estabelecer diálogos sociais que pretendem emocionar o leitor e evocar diferentes tipos de sentimentos. Ora, se a HQ como gênero independente é pouco aceito, por que não ligá-lo à literatura?

A partir das discussões quanto à composição da HQ, muitas afirmações foram feitas e lados de estudos foram divididos. Entre os conceitos formados, parte afirmavam que HQ estava ligada ao grande gênero literário e parte defendiam que HQ tratava-se de um gênero independente, com suas próprias características e sua própria linguagem. Isso fez com que as histórias em quadrinhos virassem centro de discussões acadêmicas e logo estudos começaram a ser desenvolvidos sobre a sua composição.

Ficou entendido, ao longo do tempo, que a HQ é uma forma de arte que é composta por imagens e texto ou apenas por imagens, que tem o intuito de compor uma narrativa. Entretanto, essa definição pareceu para muitos como demasiadamente abrangente, já que nela se encaixam os gibis, as charges, as tiras, as HQ, as *graphic novels* entre outras. Ou seja, são diferentes gêneros que são atribuídos a HQ.

Segundo Ramos (2012), o excesso de títulos, nomes e gêneros podem ser fruto de um desconhecimento das características fundadoras dos quadrinhos, “sem saber do que se trata, escolhe-se um termo provisório e sem muito critério” (*idem*, p.16).

Do ponto de vista do leitor, essa pluralidade de rótulos pode até atrapalhar a leitura. Charge e tira cômica, por exemplo, são textos unidos pelo humor, mas diferentes no tocante às características de produção. Para ficar em apenas uma distinção: a charge aborda temas do noticiário e trabalha em geral com figuras reais representadas de forma caricata, como os políticos; a tira mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias. (RAMOS, *op. cit.*, p. 16)

Então, Ramos (2012) explica que essa variedade de nomes é uma “consequência de um desconhecimento das características das histórias em quadrinhos e de seus

diferentes gêneros”. Entendemos que gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciado usados numa situação comunicativa para intermediar o processo de interação” (RAMOS, *op. cit.*, p.16): “Todos esses gêneros teriam em comum o uso da linguagem dos quadrinhos para compor um texto narrativo dentro de um contexto sócio lingüístico (*sic.*) interacional. Por essa definição, caricatura e ilustração por não constituírem narrativas, não são vistas como gêneros dos quadrinhos”.

Pensando na HQ como um gênero, hoje temos uma nova forma de enxergar as histórias em quadrinhos. Os gêneros citados acima, sendo eles por vezes nomeados de HQ, fazem parte de um grande gênero, o dos quadrinhos. Eles não são nomeados por acaso, todos eles têm em comum o uso de uma linguagem própria que compõem o texto narrativo dentro de um contexto sociolinguístico interacional (RAMOS, 2012, p. 20). As HQ estão em uma grande categoria, ou um grande rótulo, um hipergênero, que “agrega diferentes outros gêneros, cada um com suas particularidades” (RAMOS, *idem*, p.20).

Sendo ela um grande gênero ou um hipergênero, é importante reforçar que os gêneros não são estruturas rígidas ou modelos estanques, eles são, segundo Marcuschi (2008, p. 16), “o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais do nosso dia-a-dia”. Sendo assim, eles estão sujeitos a variação, mas não se tratam de uma forma totalmente livre ou aleatória.

E é a partir da frequente transformação dos gêneros textuais que Angela Dionísio (2008) nos explica que atualmente, com as inúmeras tecnologias e formas de comunicação e expressão, se faz necessário o desenvolvimento do *multiletramento*.

A noção de letramento como habilidade de ler e escrever não abrange todos os diferentes tipos de representação do conhecimento existentes em nossa sociedade. Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem. Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. (DIONÍSIO, 2008, p.119)

Notamos, claramente, que a cada dia é crescente a combinação de formas visuais com a escrita em nossa sociedade; como afirma Dionísio (2008) “nossa sociedade é cada vez mais visual”. Podemos então questionar, em primeiro momento, qual a relação direta estabelecida entre quadrinhos e multiletramento. Mas a resposta é simples, já que

os Quadrinhos é um gênero que faz junção de texto e imagens, ou seja, de dois modos distintos, é um gênero multimodal.

O letramento visual está diretamente relacionado com a organização social das comunidades e, conseqüentemente, com a organização dos gêneros textuais. Basta lembrarmos, por exemplo, as pinturas das cavernas, onde os homens registravam a história de sua comunidade. Certamente, os membros daquele grupo podiam ler os desenhos ali registrados. (DIONISIO, *idem*, p. 120)

Entendemos os Quadrinhos como uma grande categoria, a do hipergênero. Pois nele estão contidos muitos outros gêneros. Entretanto, ele também é um gênero *multimodal*, pois em sua formação carrega mais de um modo: texto escrito e imagens. Entendemos igualmente, que sendo os Quadrinhos um grande gênero textual, e gêneros textuais não sendo formas exatas, ele está sujeito a alteração. Por isso, se fazem necessários estudos nessa área, para melhor definir a HQ e sua linguagem. O que podemos entender até o momento é que a HQ é um hipergênero multimodal.

2.2 Histórias em quadrinhos e literatura

“Quando lemos imagens - de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas-, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa”.

Alberto Manguel, 2001

O diálogo que a literatura estabelece com outras artes não é algo que cabe apenas a atualidade. Sabemos que ele se fez presente desde muito tempo, através das pinturas rupestres que narraram fatos históricos, através das ilustrações dos livros, dos poemas musicados, entre outras formas de expressões artísticas.

Ao longo do tempo, com a criação dos mais diversos meios tecnológicos, foram surgindo também novas formas de comunicação e expressão. Atualmente, este diálogo entre a literatura e outras formas de arte está cada vez mais abrangente. Foi partindo também disto que surgiram as traduções, as transposições, as adaptações da obra literária para outras artes. Segundo Lielson Zeni, (2009 p.129) “adaptação é um tipo de obra que tem por finalidade rerepresentar outra obra preexistente”.

Dentre os mais diversos tipos de adaptações que existem atualmente, uma que está se fazendo bastante presente e sendo posta em discussão é a adaptação de obras literárias para HQ. Dentre as inúmeras adaptações que existem, podemos citar como exemplo *A metamorfose*, de Peter Kuper, que foi adaptada da obra de mesmo nome de Franz Kafka.

Com o surgimento dessas obras surgiram diversos questionamentos sobre a relação da HQ e da literatura e também sobre a validade dos quadrinhos, principalmente das adaptações de obras literárias para HQ. Os questionamentos estão principalmente voltados para a relação que essas adaptações estabelecem com a obra original.

Por muito tempo, as Histórias em Quadrinhos foram tratadas como um gênero sem nenhum valor teórico, muito menos disciplinar. Entretanto, eles foram ganhando cada vez mais popularidade “Sem dúvida nenhuma, os quadrinhos se tornaram muito populares em todo mundo. No entanto, por motivos relacionados principalmente ao uso, à temática e ao público-alvo presumido, a arte sequencial foi ignorada por muitas décadas como forma digna de discussão acadêmica.” (EISNER, 2009, p. IX)

Como vimos anteriormente, alguns tendem a explicar as histórias em quadrinhos como sendo um gênero literário, pois se utilizava de elementos que compõem a narrativa literária como base, como por exemplo, o tempo, o espaço, o enredo e as personagens. Em uma tentativa de fazer com que os quadrinhos fossem reconhecidos através do vasto e complexo campo da literatura.

É muito comum alguém ver as histórias em quadrinhos como literatura. Adaptações em quadrinhos de clássicos literários [...] ajudaram a reforçar esse olhar. Chamar quadrinhos de literatura, a nosso ver, nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados (caso da literatura, inclusive infantil) como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no meio universitário. (RAMOS, 2012, p. 17)

Isso surgiu, conforme discutimos anteriormente, por um desconhecimento do gênero. Por ser sua linguagem um pouco acessível, no sentido de haver nelas texto reduzido, comparado aos dos livros, foi entendido que ler quadrinhos, e principalmente ler adaptações de obras literárias para quadrinhos, era algo fácil.

Entretanto, como afirmam Simões e Costa (2012) ler quadrinhos não é uma tarefa nada simples:

Ler quadrinhos, de maneira geral, exige capacidade de associar diferentes padrões estéticos (estilos, cores, traços, ângulos) com os

dois tipos de linguagem que os compõem (a textual e a imagética). Não se trata apenas de associar texto e imagem para sua compreensão, mas de saber que cada uma dessas linguagens detém suas peculiaridades, formando, em conjunto, uma linguagem única. E ainda, no caso de muitos quadrinhos, por exemplo, têm que ser acionados conhecimentos prévios, ora temáticos e extratextuais, ora acerca do próprio universo das histórias. (SIMÕES; COSTA, *op. cit.*, p. 3)

A união que é feita de palavras e imagens não é, ou pelo menos, não deve ser de forma alguma repetitiva e redundante. As imagens não servem apenas como suporte do texto, elas estão carregadas de elementos linguísticos/semióticos que carregam em si sua própria representação. Podemos observar isso pela existência de histórias em quadrinhos compostas apenas por imagens. Porém, pela incompreensão desse gênero, palavras e imagens juntas tonou-se um produto do *comercialismo crasso*. (McCLOUD, 1995, p. 92).

Mesmo não sendo o intuito principal, as adaptações literárias das HQ surgiram como uma forma de reforçar esse pensamento. É bem verdade que os quadrinhos utilizam-se desses elementos que compõem a narrativa, mas observando de certo ponto de vista, é isso que também acontece com o cinema, o teatro, entre outras artes.

É preciso perceber que os quadrinhos possuem uma linguagem independente. Assim defende Ramos (2012, p.17) “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos”.

Entendo a HQ e a literatura como artes distintas, é posto em discussão o valor das adaptações literárias para os quadrinhos. Segundo (VERGUEIRO; RAMOS, 2009) a produção das adaptações das obras literárias para os quadrinhos constitui “uma tradição na industrial editorial”. O autor explica que tudo surgiu com as revistas chamadas *Classic Illustrated*, revistas que eram voltadas para a propagação da literatura mundial em quadrinhos, e tiveram publicações entre 1941 e 1971 sendo traduzidas para diversas línguas.

Alguns críticos defendem que a adaptação da literatura para quadrinhos não estabelece a literariedade que característica um texto literário e também que a adaptação banaliza a obra original afirmando que “o que pode acontecer de mais grave a um

grande clássico literário é ser transposto para histórias em quadrinhos”⁷. (LOISEAU, 2007, *apud* DÜRRENMATT, 2013, p. 71).

[...] ainda consideram que as adaptações banalizam as obras literárias e que a HQ teria se transformado em um instrumento para “desmoralização” da literatura. Isso porque, a HQ não é vista como uma leitura complexa, mas como uma leitura fácil por possuir a predominância de imagens em sua composição o que segundo eles extingiria a imaginação do leitor. (MIRANDA; PINHEIRO-MARIZ, 2012)

Essa reflexão pode ter sido gerada a partir de concepções de que a HQ não é vista como uma leitura complexa ou então pelo fato de que as imagens poderiam interferir na imaginação criativa do leitor, que não teria mais o trabalho de criar os cenários, ou o visual das personagens: tudo já estaria posto.

De fato, a leitura dos quadrinhos é bastante prazerosa, mas não apresenta a mesma linguagem de uma obra literária. Pois, as HQ, como qualquer outro gênero, têm suas próprias características, que no caso são elementos visuais, que podem favorecer a compreensão. Talvez por isso ela esteja sendo tão indicada para os jovens em início da formação leitora. No entanto, ela não deve ser restringida a esse objetivo, “a HQ não é um gênero menor, dedicado a divertir ou instruir a juventude, ela é uma forma literária independente cuja inventividade gráfica deve ser reconhecida”⁸. (DÜRRENMATT, 2013, p.72).

Em seu livro *Bande dessinée et littérature*, Jacques Dürrenmatt coloca em discussão a polêmica relação que se estabelece entre literatura, desenhos em quadrinhos e as formas de adaptação que são hoje feitas das obras literárias para a HQ. Segundo ele “as histórias em quadrinhos se colocam ao serviço da obra original”⁹ (DÜRRENMATT, 2013 p.72). Sendo assim, mesmo que a HQ seja o instrumento utilizado para a transposição, ela se coloca como uma obra a parte da literária, e deve ocupar sua importância e o seu devido espaço.

É importante notar que quando contestamos a fidelidade da obra adaptada com relação à obra literal, nós tiramos o seu valor. É importante perceber que a adaptação é uma obra a parte, com uma linguagem diferente, seja ela para o teatro, para a telenovela, para o cinema ou para os quadrinhos. “As produções em quadrinhos baseadas em obras

⁷« ce qu'il peut arriver de plus grave à un grand classique de la littérature, c'est d'être transposé en bande dessinée » (LOISEAU *apud* DÜRRENMATT, 2013, p. 71). Todas as traduções aqui apresentadas são de nossa autoria, salvo menção contrária.

⁸« la BD n'est pas un genre mineur, voué à divertir ou instruire la jeunesse, elle est une forme littéraire à part entière dont l'invitivité graphique doit être reconnue ». (DÜRRENMATT, 2013, p.72).

⁹« la bande dessinée se mettant au service de l'ouvre originale » (DÜRRENMATT, 2013, p.72).

literárias devem ser avaliadas por seu valor como arte autônoma, e não à sombra da produção original” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009 p.125).

2.3. A leitura em FLE

Sabemos que no ensino aprendizagem de uma língua estrangeira o estudante visa a desenvolver habilidades e saberes para que esta aquisição da nova língua seja possível. Segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (doravante QECRL, 2001) existem competências gerais que o estudante deve aprender para usar a língua e para exercer um papel social. Essas competências estão ligadas ao conhecimento de mundo, como história, política, humor, relações sociais, arte, religião entre outras e serão desenvolvidas a partir de três competências: competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas.

Para adquirir essas competências gerais, devem ser desenvolvidas quatro competências de base que são: a compreensão oral, práticas de ouvir e compreender as mais diversas situações de comunicação, a compreensão escrita, habilidade de compreender diversos tipos de textos e gêneros, expressão oral, a habilidade de falar; e a expressão escrita habilidade de se expressar graficamente. Elas podem ser adquiridas a partir de diversos meios, como em situações diárias, em situações montadas didaticamente e também de meios como músicas ouvidas no rádio, entrevistas, textos informativos, documentos autênticos entre outros.

Dentre essas diversas competências que devem ser adquiridas pelos aprendizes a partir de diversos meios e formas, a compreensão escrita tem grande relevância para a aquisição de FLE atualmente, pois ela é exigida em exames de proficiência como *Diplôme Élémentaire de Langue Française* (DELFL) e o *Diplôme d'Approfondissement de la Langue Française* (DALF) e também em exames de proficiência para entrada em cursos de Pós-Graduação.

Em seu livro *Percursos de leitura*, Pietraróia (2001) descreveu e analisou a evolução da leitura diante da didática de línguas estrangeiras através de diferentes metodologias propondo um percurso sobre o estudo e a atenção tida a esses textos no contexto de LE. Fazendo isso, ela mostra o papel e o espaço dado à compreensão escrita através do tempo em seus aspectos práticos e teóricos. “Compreender um texto escrito é, fundamentalmente, trabalhar com os processos de construção do sentido, pois ler, como bem indica Deschênes (1988), é uma atividade multidimensional cujo objetivo é a

construção de uma representação semântica daquilo que está escrito. ” (PIETRARÓIA, *op. cit.*, p. 19)

Ao longo do tempo a compreensão escrita foi ganhando mais prestígio, pois ela se tornou muito importante para a formação em FLE. No entanto, ela nem sempre é fácil de ser adquirida:

De fato, inúmeras pesquisas mostram que os mecanismos que estão relacionados com a «decodificação» do material linguístico são pouco automatizados em língua estrangeira. O déficit – insistimos fortemente sobre isso- está relacionado com o grau de automatização e não diretamente sobre o domínio do código. Isso significa que os elementos da língua que precisam ser tratados podem ser perfeitamente conhecidos e reconhecidos pelo leitor (reconhecimento de uma palavra e sua significação, por exemplo), entretanto, isso pode ser mais lento de acontecer em língua 2 (L2) que na língua 1 (L1). (GAONAC’H, 2003, p. 6)¹⁰

Segundo Gaonac’h (2003), para a maioria dos aprendizes no estudo de uma L2 sempre existe uma língua dominante, a língua materna. Na atividade de leitura os elementos da língua são perfeitamente conhecidos e reconhecidos pelo leitor em língua materna. Entretanto, esse processo pode acontecer de forma mais lenta na segunda língua.

Portanto, o que pode ocorrer de falho no processo de leitura é que nem sempre o estudante consegue usar os mesmos mecanismos de leitura de língua materna para a língua estrangeira, tornando a compreensão escrita algo difícil de ser efetivamente aprendido.

¹⁰*Des nombreuses recherches montrent en effet que les mécanismes qui portent sur le “décodage” du matériau linguistique sont peu automatisés en langue étrangère. Le déficit - insistons fortement là-dessus- porte bien sur le degré d’automatisation, et non directement sur la maîtrise du code. Cela signifie que les éléments de langue qu’il faut traiter peuvent être parfaitement connus et reconnus par le lecteur (reconnaissance d’un mot et de sa signification par exemple), mais que les traitements plus lents à réaliser) dans la langue 2 (L2) que dans la langue 1 (L1). Ce qui permet de comprendre qu’on se soit intéressé notamment, à propos de cette question, au cas de sujets bilingues, y compris de bilingues “équilibrés”, c’est-à-dire dont les compétences apparentes peuvent être considérées comme “dominante”, et que ce qui fait la différence entre les deux, c’est le degré d’automatisation d’un certains nombre de mécanismes qui portent sur le traitement des éléments de langue. (GAONAC’H, 2003, p. 6).*

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para melhor definir o desenvolvimento desta investigação, retomaremos primeiramente, de forma breve, nossos objetivos principais. Posteriormente, classificaremos a tipologia da nossa pesquisa e em seguida apresentaremos o *corpus* que será analisado, com base nos nossos fundamentos teórico-metodológicos.

3.1 Direcionamentos centrais

Ao observar as HQ quanto suporte frequente de adaptações de obras literárias, tivemos como ponto de partida o seguinte questionamento: a adaptação quadrinística é fiel à obra literária original? Para isso, pretendemos, neste trabalho, analisar comparativamente a relação dos contos *En Voyage* (1883), *Le parapluie* (1884) e *Le masque* (1889) de Guy de Maupassant e suas respectivas adaptações para os quadrinhos, feitas por Colette Samson e Thierry Beaudenon (2013). Pretendemos observar essa equivalência de sentidos, mostrando como os contos foram transpostos, quais suportes e meios utilizados nessa mudança de linguagem.

3.2 Nos caminhos da pesquisa qualitativa

Nosso trabalho está inserido no paradigma de pesquisa qualitativa, na qual se faz um estudo com o intuito de observar, descrever e compreender um significado em determinados contextos sociais (VILELA, 2011); e, descritiva, uma vez que tem como alvo a descrição, observação, minuciosa para um determinado objetivo (MOREIRA; CALEFFE, 2006). Nossa pesquisa também porta características de pesquisa bibliográfica, uma vez que é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, tais como livros artigos e materiais didáticos (BORTONI-RICARDO, 2008)

Portanto, temos como intenção observar o fenômeno, não tão atual, de adaptações de obras literárias para HQ, e descrever a relação que essas obras estabelecem entre si. Buscamos também discutir a importância dessas adaptações e da leitura literária na sociedade atual na formação docente. Objetiva também refletir sobre a formação leitora do estudante de FLE, bem como a formação do leitor comum, isto é,

aquele que ‘apenas’ gosta de ler literatura e que tem interesse em conhecer os clássicos da literatura francesa.

3.3 *Corpus* e fundamentos para a análise

Para compor o corpus de análise, nesta pesquisa, selecionamos contos do consagrado escritor e romancista francês Guy de Maupassant, autor de obras como *Belami*, *Mademoiselle Fifi*, *Bola de sebo*, *A Pensão Tellier* e *O Horla*. Os contos que foram aqui escolhidos são: *En Voyage* (1883), *Le parapluie* (1884) e *Le masque* (1889), e suas adaptações para os quadrinhos, presentes na coletânea *Contes et Nouvelles*. Feitas por Colette Samson, estudiosa na área de didática de ensino de línguas¹¹ e Thierry Beaudenon, que é artista e ilustrador.

Logo, como temos o objetivo de fazer uma análise comparativa, apresentaremos nossa leitura do conto e posteriormente daremos continuidade com a análise das adaptações.

Para as traduções dos excertos selecionados, optamos por fazermos, nós mesmas, tais traduções, visto que o contista possui inúmeros contos ainda não traduzidos no Brasil. Fato que pode ser constatado em pesquisas, como a recente tese de Nóbrega (2014) que faz um levantamento de antologias traduzidas, destacando os elementos paratextuais ali presentes.

A escolha por Maupassant se deu por diversos fatores. Primeiramente, por uma questão de afinidade com o estilo do contista, mas, também por entendermos que se trata de um autor que se constitui em referência literária para qualquer estudante de língua francesa.

Ao pesquisar sobre a vida de Maupassant, percebemos a grande influência de romancista Gustave Flaubert, seu amigo, que contribuiu para o amadurecimento da sua escrita e para o seu reconhecimento como autor. Flaubert, por sua vez, tem uma obra intitulada *Trois Contes*, em português: três contos, constando de três novelas escritas pelo autor e publicadas em 1877. Logo, pensando nesse fato, surgiu, então, o título de nosso trabalho: *Três contos de Guy de Maupassant*.

Mais informações em: ¹¹ <http://www.babelio.com/auteur/Colette-Samson/30106>

4. ENTRE A HQ E TRÊS CONTOS DE MAUPASSANT E A HQ: ALGUNS RESULTADOS

Henri René Albert Guy de Maupassant, mais conhecido como Guy de Maupassant, nasceu em 5 de agosto de 1850 em Passy, área histórica de Paris, na França.

Até o ano de 1850, ano de nascimento do autor, o romantismo era o movimento artístico dominante. Esse movimento privilegiava na literatura e nas demais expressões artísticas a sensibilidade da alma do escritor e do artista através da exaltação de temáticas como o amor, a natureza entre outras. Entretanto, ao final do mesmo ano, começou a acender-se na França um movimento que estava sendo pouco a pouco desenvolvido em toda Europa: o realismo.

O realismo, diferentemente do romantismo, tinha como tema e objetivo central retratar a expressão da realidade “em linhas gerais, os que aderem aos ideários estéticos do realismo enfatizam uma conexão vital entre representação e experiência da realidade”. (JAGUARIBE, 2009).

Um dos principais precursores dessa corrente na literatura foi o escritor francês Gustave Flaubert (1821 – 1880), escritor de clássicos como *Madame Bovary*, *Trois Contes* entre outros. Flaubert foi um grande representante do movimento realista e foi, para Maupassant, um grande mestre, que o ajudou no início de sua escrita literária.

Posteriormente ao movimento realista, houve então a aparição do movimento naturalista, que deu continuidade a mesma lógica do realismo: a de tentar transpor a realidade como ela é. Entretanto, o naturalismo traz consigo algo de diferente, ele retrata a realidade mais a fundo, de forma mais precisa e possível, levando em consideração os aspectos imorais e vulgares de uma sociedade.

A noção do realismo e a do naturalismo são próximas uma da outra. No *Le Roman*, breve estudo posto a frente de *Pierre et Jean*, Maupassant não estabelece diferença entre os dois termos, ele fala de escola naturalista ou realista, cuja divisão poderia ser “a verdade, nada além da verdade e toda a verdade. Realismo e naturalismo são contudo noções que não cobrem absolutamente um ao outro”.¹² (CARLIER, 1999, p.32)

¹² *La notion de réalisme et celle de naturalismo sont proches l'une de l'autre. Dans “Le roman”, brève étude placée en tête de Pierre et Jean, Maupassant n'établit guère de différence entre les deux termes. Il parle de “l'école realiste ou naturaliste”, dont la devise pourrait être “la vérité, rien que la vérité et toute*

Por mais que o objetivo de Maupassant fosse o de quebrar parâmetros pré-estabelecidos e fugir das regras do fazer literário, ele foi de certa forma, influenciado em sua escrita por esses movimentos.

A corrente Naturalista teve como principal expoente o escritor também francês Émile Zola (1840-1902), importante na formação de Maupassant, pela convivência e frequência dos diálogos. Ler e estudar Guy de Maupassant é, portanto, mergulhar no entendimento de como um escritor que foi amigo e correspondente de Zola e discípulo de Gustave Flaubert consegue transpor em suas obras a questão realista/naturalista, e, como por fim trabalha com a vertente fantástica. (BOARINI, 2013, p. 13).

Maupassant viveu em 1800, uma época onde a sociedade se encontrava em um momento de pleno desenvolvimento, onde as ciências se desenvolveram muito rápido, e houveram a aparição de criações como a fotografia, o telefone, os primeiros automóveis a gasolina, e também vacinas para doenças até então incuráveis, como a raiva.

Todos os acontecimentos desta época influenciaram Maupassant e seus contemporâneos (Flaubert, Zola, Daudet) a criação de uma nova literatura, uma literatura que não estivesse diretamente ligada a sentimentos e emoções pessoais, mas que retratasse o ser humano em suas condições reais, com suas seus medos, suas doenças e suas preocupações, o que resultou no movimento naturalista. “Na década de 1870, ele dirigiu-se a Paris, onde se notabilizou como contista e travou relações com os grandes escritores realistas e naturalistas da época: Zola, Flaubert e o russo Turgueniev”.¹³

Até sua maior idade Maupassant nunca se imaginara como escritor, filho de pais burgueses separados, aos 18 anos ele resolve entrar em um seminário, mas de lá foi expulso. Posteriormente a isto, aproveita a Guerra Franco-Prussiana , em 1870, para servir como voluntário. Ao final da guerra ele se muda para Paris para completar sua participação na carreira militar. Ainda ligado ao exercito o escritor trabalha como balconista no Primeiro Departamento da Marinha sendo logo transferido para o Ministério da Educação, graças a Flaubert. (CALAIS, 1990, p. 3)

la vérité “. *Réalisme et naturalisme sont cependant des notions qui ne se recouvrent pas tout à fait l'une l'autre.* (CARLIER, 1999, p. 32).

¹³ Vida e Obra: Guy de Maupassant. Disponível em:

http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecID=0&Templat e=../livros/layout_autor.asp&AutorID=707728

Nesta parte de sua vida sua relação entre Flaubert foi de completa e total importância para o desenvolvimento de sua carreira. Flaubert, como velho amigo de sua família, correspondia-se com Maupassant através de cartas, onde opinava sobre seus textos dando-lhe direcionamentos para seu amadurecimento literário tornando-se assim seu *modèle spirituel* (CALAIS, 1990, p. 11). Ele foi “mestre, amigo e correspondente de Maupassant, e tanto o inseriu na carreira das letras como lhe ensinou as destrezas de escrever com precisão a técnica de observar a realidade a fim de reescrevê-la, pelos olhos do romancista”. (BOARINI, 2013, p. 14).

O início de sua escrita não foi nada *donné*, nada fácil ou simples. O autor chegava a escrever textos e publicá-los usando pseudônimo para não ser reconhecido. Depois de muitas tentativas de Maupassant contra as reclusas de Flaubert, ele recebe a aprovação de seu mestre em 1875 e publica seus primeiros escritos. Em 1880 ele publica seu grande clássico, *Boule-de-Suif*, neste momento Flaubert afirma que Maupassant tem uma obra de sucesso e estava pronto para seguir seu próprio caminho. (RACHMÜHL, 1992, p. 9 -10).

Assim, de forma rápida e no decorrer de 10 anos Maupassant desenvolve características marcantes de sua escrita. No intervalo de 1880 e 1890 ele produziu praticamente toda sua obra, cerca de seis romances, mais de trezentos contos e algumas histórias de viagem.¹⁴ Sendo considerado por muitos como um escritor realista fantástico, graças aos seus recursos estilísticos e as temáticas presentes em sua obra.

A vida em Paris fez com que Maupassant conhecesse muitas pessoas que o inspirassem de certa forma a sua escrita, entretanto ao lado de sua vida como escritor estava também sua vida pessoal, que foi banhada de festas, drogas, cabarés e prostitutas. A vida de alegrias e prazeres mundanos, no entanto, resultou a Maupassant graves problemas, o escritor foi em plena juventude diagnosticado com sífilis, doença sexualmente transmissível que quase distorções físicas e psicológicas e que na época não havia medicação e era incurável.

Doente em 13 de novembro de 1889 Guy de Maupassant veio a falecer deixando uma vasta obra literária. Hoje a obra de Maupassant é traduzida para inúmeras línguas e também adaptada para diversos meios de comunicação.

Colette Samson e Thierry Beaudenon, autores da obra que se constitui em nosso corpus, vem sendo cada vez mais conhecidos pelas suas histórias em quadrinhos

¹⁴ Todo o recolhimento da obra de Guy de Maupassant encontra-se no site <http://maupassantiana.fr/>.

adaptadas de clássicos literários, entre essas obras estão *Les Misérables*, adaptada da obra de Victor Hugo, fez também a coletânea *Histoires francophones* que reúne obras adaptadas de diversos autores, entre outros. As HQ que vamos analisar, *En Voyage*, *Le parapluie* e *Le masque*, fazem parte da coleção que tem como título *Contes et nouvelles* (2013) e trata-se de uma coletânea de desenhos em quadrinhos adaptados a partir de contos de Maupassant em *français facile* (francês fácil), indicada para leitores de nível iniciante e intermediário.

Para o desenvolvimento da nossa análise, buscaremos cotejar as duas obras para responder aos nossos objetivos específicos com base em Dürrenmatt (2013) investigando as relações entre a obra original e sua adaptação quadrinística, com o intuito principal de responder à nossa questão norteadora, a saber: a adaptação quadrinística é fiel à obra literária original? Ressalte-se que é nosso interesse lembrar que entendemos a adaptação de clássicos literários como uma obra à parte, integral e com suas peculiaridades.

4.1 *En Voyage*

Aqui neste tópico temos o intuito de apresentar nossa leitura, um pequeno resumo com algumas informações adicionais sobre o conto de *En Voyage*, escrito em 1883.

Ao escolher *En Voyage* para compor nosso corpus, nós nos questionamos sobre a existência de dois contos de Guy de Maupassant com esse mesmo título, um datado de 1883 e outro de 1882. Resolvemos então ler as duas obras para saber qual delas havia sido adaptada e se elas estabelecem alguma relação entre si.

O conto *En Voyage* de 1882 é narrado através de uma carta. O narrador da carta, um viajante, conta que está em um lugar muito bonito, onde há ar fresco e é cheio de montanhas. Entretanto, mesmo sendo um lugar encantador, ele sente profunda tristeza, que o leva a contar um ocorrido em especial.

Em um dia de primavera, ele resolve caminhar próximo aos reservatórios da cidade e lá encontra um senhor que o conta um terrível acontecimento: a morte de um menino naquele lugar. O senhor, surpreso com a presença do estranho homem, resolve lhe explicar o que ali, há um tempo atrás aconteceu. Ele explica que dois meninos pequenos, irmãos, estavam brincando na floresta, quando estavam subindo as pedras

próximas ao reservatório quando um deles escorregou e ficou pendurado entre as rochas. O irmão menor tentou ajudar seu irmão mais velho estendendo a mão para que ele não caísse, mas, seus esforços não foram suficientes e ele acabou caindo e morrendo no rio. O conto acaba com a lamentação do narrador diante do fato trágico.

O conto *En Voyage* de 1883, que vamos aqui analisar, é contado dentro do vagão de um trem. Todas as pessoas que estavam no trem começaram a conversar sobre as possíveis histórias que ali se passaram, histórias impossíveis e às vezes assustadoras. De repente, no momento em que todos conversavam, um dos viajantes disse que ali já apareceu um misterioso assassino que cometia crimes de dois em dois anos, a afirmação que foi assustando a todos e as pessoas ficaram mais curiosas sobre outras possíveis histórias.

Em meio a tantas conversas, um médico resolve contar a história de um de seus pacientes que ali já haviam viajado: A história da condessa Marie Baranov. Ele conta que sua paciente sofria de problemas respiratórios, ela era tísica. Então, ele a aconselhou a fazer uma viagem para *Côte d'Azur*, um lugar onde ela pudesse respirar um ar mais limpo e leve do que na Rússia. Ele conta que a pobre mulher ficou triste ao sair de casa, teve a impressão que seu marido, um homem muito rico, queria se livrar dela.

Ao chegar no vagão do trem, ela começou a contar algumas moedas de ouro que tinha guardadas consigo para conferir quanto havia levado para viagem, mas, inesperadamente, um rapaz entra desesperado entra pedindo ajuda. O rapaz estava sangrando e assustada ela pensa em fugir, ela pesou que seria roubada ou até mesmo morta pelo homem, mas, antes de sair ela se comove com a situação dele e tenta ajudá-lo.

O rapaz a explicou que precisava passar da fronteira ou seria um homem morto. No mesmo instante ela pede para que seu criado, Ivan, volte para a Rússia e além disso, pede para que ele deixe com ela alguma muda de roupa e seus documentos. Ivan não compreendeu bem o pedido, mas fez tal qual. Assim, com as roupas e os documentos de Ivan o rapaz conseguiu passar da fronteira.

Chegando a cidade esperada, o rapaz continua a querer observar a vida da condessa, pois estava encantado com tamanha bondade, mas a perde de vista. Um dia, ele descobriu que ela estava lá a tratamento e decidiu entrar em contato com o seu médico, para saber o paradeiro dela. Mas o médico da condessa, o mesmo que conta a história, explicou para o jovem rapaz que ela desde sua chegada estava desaparecida, e desde a viagem nunca conseguiu retornar para casa, talvez estivesse morta.

Mas, a verdade é que a condessa estava viva e escondida. Ela já sabia de sua doença e da infelicidade que poderia trazer ao rapaz, e inventou toda essa história para se distanciar dele, pensando assim, preferiu se contentar com o amor platônico. Quando ela veio a morrer de fato, por causa da sua doença, o rapaz descobriu tudo que havia se passado e foi ao seu leito de morte segurar sua mão.

Ao final dessa narrativa, uma das mulheres presentes no trem fica muito emocionada e é preciso que alguém a ajude a parar de chorar, ela diz que chora porque é uma bela história, pois o rapaz e a condessa sabiam o que era o amor puro e verdadeiro.

Antes de começar a análise, é importante levantar o objetivo da adaptação. A obra de Colette Samson e Thierry Beaudenon diferentemente da obra de Maupassant é destinada para leitores/estudantes de língua francesa que tem nível de língua A2/B1, que fazem referência, segundo o QECRL (2001), a um nível de língua intermediário. Então, podemos inferir que este texto não possui informações detalhadas e que sua linguagem é mais simples, no sentido de ser reduzida e sem grandes variações de tempos verbais.

A história adaptada em *Contes et Nouvelles*, por sua vez, inicia diretamente com a história da Condessa, contada pelo passageiro. Na primeira página há uma cena onde a Mãe de uma jovem condessa chamada Maria, entrega dinheiro para que a filha visite o seu pai em outra cidade.

Figura 6: Recorte 1 da HQ *En voyage*



Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p.13)

Notamos que a HQ, assim como o conto, inicia com um ar de mistério e suspense, característicos da escrita de Maupassant. Isso foi transposto pelas imagens, sempre sem vestígio algum de pessoas, que podem causar ao leitor a sensação de perigo

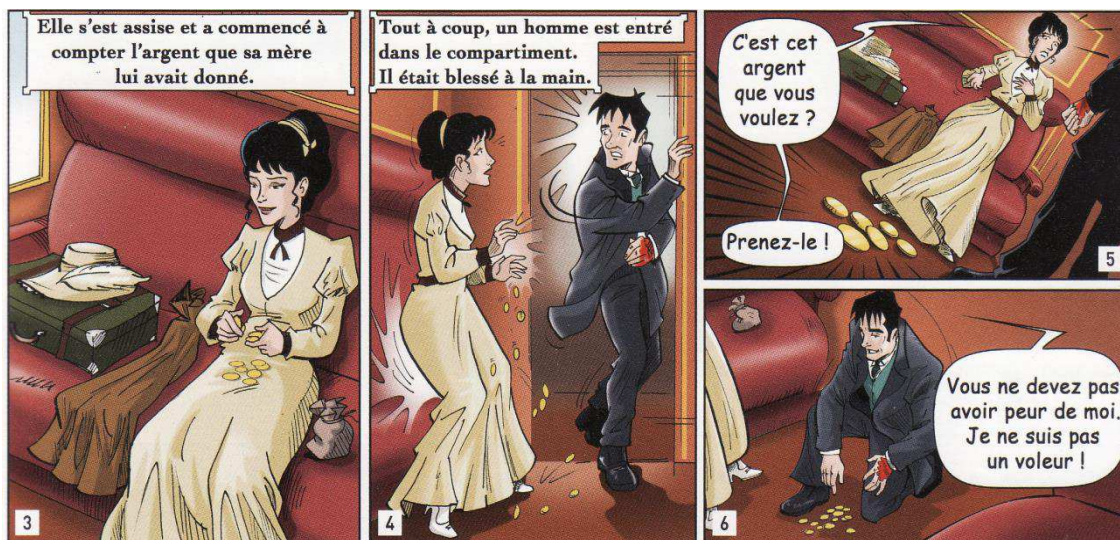
e solidão. Também foram reforçados nas palavras usadas pelos autores nos balões «*Le train avait l'air désert* » [O trem havia um ar deserto]¹⁵.

Assim que a Condessa entra no trem, ela começa a contar o dinheiro que a sua mãe havia lhe dado quando um rapaz sangrando entra causando uma grande confusão. Notamos aqui a cena retratada tal qual acontece no conto de Maupassant. A personagem principal se assusta com a entrada do rapaz e sente vontade de sair correndo.

O texto, conta uma história alheia a do conto, a história foi alterada, no lugar de receber o dinheiro de seu marido porque estava doente, a jovem condessa recebe dinheiro de sua mãe para custear a viagem.

Antes de sair correndo, ela afirma: « *C'est cet argent que vous voulez? Prenez-le!* », [É dinheiro que você quer? Pegue-o!] Notamos aqui a diversidade de suporte do gênero quadrinhos, o que no conto de Maupassant foi narrado em poucas palavras aqui ocupa 4 quadros, com imagens claras e objetivas, que nos mostram destaques dos objetos de perto. Outra característica que notamos na transposição da narrativa é a repetição, o que está contido nos balões de texto, é esclarecido e repetido nas imagens.

Figura 7: Recorte 2 da HQ *En voyage*



Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013 p. 13)

Em seguida, o homem explica que não quer o dinheiro da jovem e que ele não é um ladrão «*Vous ne devez pas avoir peur de moi. Je ne suis pas un voleur!* » [Você não deve ter medo de mim. Eu não sou um ladrão]. Tal qual no conto:

¹⁵ Todas as traduções presentes neste trabalho são de nossa autoria, salvo menção contrária.

- Senhora, não tenha medo!
Ela não respondeu nada, incapaz de abrir a boca, escutando o batimento de seu coração e um zumbindo em suas orelhas.
Ele inclui:
- Eu não sou um malfeitor, senhora. (MAUPASSANT, 1883).¹⁶

Na HQ, ele começa a apanhar o dinheiro que a moça deixou cair no chão do vagão «*Voilà votre argent!* » [Olhe aqui seu dinheiro!] Os autores aqui, mais uma vez, utilizam-se do recurso da repetição para fazer a transposição da cena. Neste momento, além da frase, temos a imagem do rapaz mostrando o dinheiro para a jovem.

Figura. 8: Recorte 3 da HQ *En Voyage*



Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 13)

O homem de fato não era um ladrão, mas ele era um fugitivo que precisava atravessar a fronteira para chegar na França, ou seria um homem morto. Vendo-se diante desta situação, assim como no conto, a Condessa resolve ajudar o homem.

Ela conta ao policial do controle de passaportes que o homem ali sentado é seu criado, Ivan, que pediu para que ela guardasse seus documentos e no momento ela não estava encontrando.

¹⁶ -Madame, n'ayez pas peur !/ Elle ne répondit rien, incapable d'ouvrir la bouche, entendant son coeur battre et ses oreilles bourdonner./Il reprit :- Je ne suis pas un malfaiteur, madame. (MAUPASSANT, Guy, 1883)'

Figura 9: Recorte 4 da HQ *En voyage*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 14)

Aqui, notamos que a cena onde a Condessa conversaria com seu criado Ivan e pegaria seus documentos e suas roupas e o mandaria de volta para casa, que se passa no conto base, não acontece.

Em breve a gente vai parar novamente e os funcionários de uniforme vão visitar o trem. A condessa os entregou os papeis, e mostrando o homem sentado no fundo do seu vagão: - Esse é meu empregado Ivan, está aqui o passaporte. (MAUPASSANT, 1883).¹⁷

A autora da HQ também apresenta aqui alguns diálogos criados para resumir esta cena « *Ivan m'a confié son passeport, mais je ne le trouve plus* » [Ivan me confiou seu passaporte, mas eu não estou os encontrando]. Aceitando a palavra da jovem, o policial deixa com que o rapaz continue a viagem em sua companhia.

¹⁷ -Madame, n'ayez pas peur !/ Elle ne répondit rien, incapable d'ouvrir la bouche, entendant son coeur battre et ses oreilles bourdonner./Il reprit :- Je ne suis pas un malfaiteur, madame. (MAUPASSANT, 1883)

Figura 10: Recorte 5 da HQ *En voyage*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 14)

A viagem continua durante toda noite, os autores da HQ, representam a partir das imagens e dos balões o pensamento da jovem condessa, o discurso do narrador foi aqui mudado para demonstrar as desconfianças que ela tinha sobre o rapaz, sobre seu braço sangrando e sua fuga ilegal, essa transposição foi feita através dos balões e das feições da personagem.

Na HQ, assim como no conto, ao chegar na França, o rapaz deseja conhecer melhor Maria, pois ficou encantado com tamanha bondade «*Pourrais-jevous revoir?* » [Eu poderia te ver?] E insiste: «*Après-demain à cinq-heures!* », [Depois de amanhã, às 17:00 horas!] Mas, a condessa, diferentemente do rapaz, quer distância «*Non, ne venez pas*» [Não eu não virei]. Esse trecho foi transposto de forma bastante diferente do original: “Quando ela desceu do trem, ela percebeu de longe que ele a olhava. Eles chegaram em Menton”. (MAUPASSANT, 1883).¹⁸

A transposição textual dessa cena alterou completamente o discurso do narrador sobre as personagens. Nem o texto, nem os desenhos fazem referencia ao texto base. Talvez a escolha aqui tenha sido feita como uma forma de romantizar mais a história, fazendo da chegada do trem um amor impossível.

¹⁸ *Quand elle descendait à quelque buffet, elle l'apercevait de loin qui la regardait. Ils arrivèrent à Menton.* (MAUPASSANT, Guy. 1883)

Figura 11: Recorte 6 da HQ *En voyage*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 14)

A condessa encontra seu pai e com expressões faciais bastante tristes vai embora, deixando o rapaz sozinho. Entretanto o rapaz não desiste de reencontrá-la e dois dias mais tarde, assim como combinado às 17:00 ele acha sua casa e resolve fazer uma visita. Maria, ao final da história, para a surpresa do leitor, fica bastante feliz de reencontrá-lo «*Il est là, il est venu! Et... Il est à l'heure!* ». [Ele está ali, ele veio! E... chegou na hora].

Figura 12: Recorte 7 da HQ *En voyage*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 14).

No conto base de Maupassant a história não acaba com um final feliz, já que a condessa se esconde do rapaz e vem a morrer. “Quando ele estava à beira do leito dos mortos, ele agarrou a mão dela e deu-lhe um longo beijo, em seguida, correu como um louco.”¹⁹ (MAUPASSANT, 1883).

¹⁹ *Quand il fut devant le lit de la morte, il lui saisit la main et la baisa d'un interminable baiser, puis il se sauva comme un insensé.* (MAUPASSANT, 1883).

4.2 *Le parapluie*

O conto *Le parapluie*, de Guy de Maupassant, conta a história de Madame Oreille, uma senhora que é muito econômica e que controla todo o dinheiro de seu marido, M. Oreille. A história começa quando seu marido chega em casa reclamando sobre o fato de que seus colegas o ridicularizam por causa do seu velho guarda-chuva, ele diz que não aguenta mais essa situação e quer urgentemente que ela compre um guarda-chuva novo.

Madame Oreille, que é uma senhora excessivamente econômica, não gosta nada dessa história. Faz muito drama, diz que precisa economizar e é inadmissível gastar dinheiro com algo que ainda tem utilidade. Mas mesmo assim acaba cedendo à insistência do marido e opta por comprar um novo guarda-chuva e diz que ele deve guardá-lo e conservá-lo para que ele dure a vida toda.

O guarda-chuva novo custou pouco dinheiro, mas muito agradou aos colegas de M. Oreille, ele foi bastante elogiado, pois seu guarda-chuva era novo e bonito. Entretanto, algo de terrível aconteceu: dois meses depois da compra o guarda-chuva apareceu com um furo. M. Oreille não sabe ao certo o que aconteceu, se o furo foi acidente ou se foi algo feito por alguém propositalmente, o fato é que o guarda-chuva estava com um buraco de algo queimado. M. Oreille fica bastante angustiado com a situação, como iria ele explicar o ocorrido e pedir a sua mulher que comprasse um guarda-chuva novo?

Ao chegar em casa, ele explica para sua esposa tudo que aconteceu e pede para que ela compre um novo guarda-chuva. Sua esposa não gostou nada dessa história, e fez, novamente, um grande drama. Ela disse que não poderia comprar outro guarda-chuva, e pensou que a justiça deveria ser feita, ela iria reaver seu dinheiro.

Mesmo que Madame Oreille tivesse ficado irritada com a situação, ainda era para ela um constrangimento ter que tentar reaver o seu dinheiro no ministério de ascensão de compras, porém, a economia falou mais alto e ela foi ao ministério e explicou para o diretor tudo que havia ocorrido. O diretor ficou sensibilizado com a história e entregou para ela um dinheiro para que ela comprasse um novo guarda-chuva.

A HQ, *Le parapluie*, 2013, começa, diferentemente do conto original, com M. Oreille em seu emprego, sendo motivo de chacota de seus colegas graças ao seu antigo guarda-chuva.

Figura13: Recorte 1 da HQ *Le parapluie*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 5)

Ao mesmo tempo em que os amigos riem, o aconselham a comprar um novo guarda-chuva. Louis (M. Oreille) diz que isso será pouco provável, pois ele acredita que sua mulher não irá comprar um novo guarda-chuva « *Vous croyez qu'elle va m'acheter un parapluie neuf?* » [Você acredita que ela vai comprar um guarda-chuva novo pra mim?]. Essa passagem, por exemplo, não existe no conto de Maupassant, ela é descrita em apenas uma frase e acontece apenas no imaginário do leitor. A transposição do texto aqui foi feita para explicar a cena, não apenas na compreensão do texto, mas também na criação das imagens. “Ora, há dois anos, ele chegava ao escritório com o mesmo guarda-chuva remendado, que provocava risadas em seus colegas”. (MAUPASSANT, 1884)²⁰.

Quem observa essa passagem nos quadrinhos pode sentir dificuldade de compreender o porquê da mulher de Louis não querer lhe dar um novo guarda-chuva, pois até o presente momento nenhuma característica foi dada a sua esposa no momento de transposição de narrativa e desenho.

Voltando para casa, Louis pede a sua mulher que lhe compre um novo guarda-chuva, e ela diferentemente do conto, diz apenas « *Bon, D'accord* » [Bom, tudo bem].

²⁰ Or, pendant deux ans, il vint au bureau avec le même parapluie rapiécé qui donnait à rire à ses collègues. (MAUPASSANT, 1884).

No conto de Maupassant, a história começa de outra forma, com a apresentação de Mme Oreille:

Mme. Oreille era econômica. Ela sabia o valor de uma moeda de um centavo e tinha um arsenal de princípios rigorosos multiplicadores dinheiro. Certamente, ela tem grande dificuldade em tirar dinheiro dos bolsos; Mr. Oreille só obteve seu dinheiro com extrema dificuldade. Eles estavam à vontade, e sem filhos; mas Mme. Oreille sentia uma verdadeira dor ao lançar as verdinhas para fora de sua casa. Era como uma lágrima de seu coração; e cada vez que ela tem uma despesa de alguma importância, embora essencial, ela dorme mal durante a noite.

M. Oreille não parava de dizer a sua esposa:

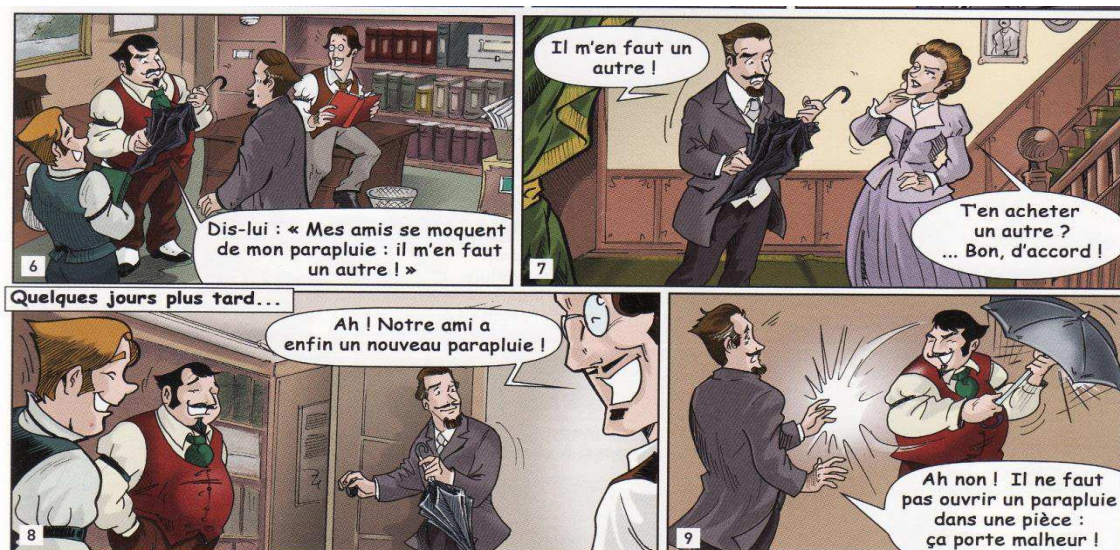
‘Você deve ter a mão mais aberta ou então nós nunca aproveitaremos de nossa renda’

Ela respondeu:

‘Você nunca sabe o que pode acontecer, é melhor mais do que menos’. Foi uma pequena mulher de quarenta anos, animada, enrugada, limpa e muitas vezes irritada. (MAUPASSANT, 1883, p. 01)²¹.

Depois dessa discussão, no dia seguinte, todos os amigos de Louis observaram seu novo guarda-chuva e começaram a brincar com ele:

Figura 14: Recorte 2 da HQ *Le parapluie*



Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 5)

²¹ Madame Oreille était économe. Elle savait la valeur d'un sou et possédait un arsenal de principes sévères sur la multiplication de l'argent. Sa bonne, assurément, avait grand mal à faire danser l'anse du panier; et M. Oreille n'obtenait sa monnaie de poche qu'avec une extrême difficulté. Ils étaient à leur aise, pourtant, et sans enfants; mais Mme Oreille prouvait une vraie douleur à voir les pièces blanches sortir de chez elle. C'était comme une déchirure pour son cœur; et, chaque fois qu'il lui avait fallu faire une dépense de quelque importance, bien qu'indispensable, elle dormait fort mal la nuit suivante.

Oreille répétait sans cesse à sa femme:

'Tu devrais avoir la main plus large puisque nous ne mangeons jamais nos revenus.'

Elle répondait:

'On ne sait jamais ce qui peut arriver, il vaut mieux avoir plus que moins.' C'était une petite femme de quarante ans, vive, ridée, propre et souvent irritée. (MAUPASSANT, 1883, p. 01)

Como podemos observar na imagem, a partir das brincadeiras de seus amigos o guarda-chuva finda por ser quebrado. No conto essa cena também não está presente, ela acontece apenas no imaginário do leitor e não conseguimos identificar qual foi a real causa do furo no guarda-chuva de M. Oreille. Os adaptadores da HQ criaram uma nova cena, transformaram o que foi dito em poucas frases em uma grande cena, adaptaram o texto escrito de Maupassant e explicaram a cena nas imagens.

Figura 15: Recorte 3 da HQ *Le parapluie*



Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 6)

Quando Louis chega em casa, sua mulher não acredita no que ele conta, ao relatar que o guarda-chuva estava danificado. Sua esposa se mostra desesperada e, para resolver a situação, cria um subterfúgio para conseguir reembolso no ministério de trocas.

Figura 16: Recorte 4 da HQ *Le parapluie*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 06)

Essa cena é transposta de forma diferente do conto, já que nele Mme Oreille não queima o guarda-chuva, ela apenas o leva da mesma forma que seu marido a entregou. Na HQ, como podemos observar nas imagens, ela coloca o guarda-chuva no fogo para que este pareça mais danificado.

No que continua a cena segue tal qual o conto.

- Mas... me parece... que... Veja, senhor, eu não quero me aproveitar do senhor... vamos fazer uma coisa. Eu levarei meu guarda-chuva para um fabricante que o recobrirá em seda de boa qualidade e durável e eu trarei, para o senhor, a fatura. O senhor concorda?

- Perfeitamente, senhora; entendido! Tome este bilhete para entregar ao caixa que irá reembolsar a sua despesa.

Ele entregou um cartão à Madame Oreille que o guardou, depois, ela se levantou e foi agradecendo, apressando-se para sair, com medo que ele mudasse de opinião.

Ela, agora, caminhava feliz pela rua, procurando uma loja de guarda-chuvas que lhe fosse elegante. Quando ela encontrou uma com um ar rico, ela entrou e disse com uma voz segura:

- Este guarda-chuva é para recobrir com seda, uma seda muito boa. Coloque aqui o que o senhor tiver de melhor. Eu não me preocupo com o preço. (MAUPASSANT, 1884)²².

²² - Mais... il me semble... que... Tenez, monsieur, je ne veux pas gagner sur vous, moi... nous allons faire une chose. Je porterai mon parapluie chez un fabricant qui le recouvrira en bonne soie, en soie durable, et je vous apporterai la facture. Ça vous va-t-il ?

- Parfaitement, madame ; c'est entendu. Voici un mot pour la caisse, qui remboursera votre dépense.

Na transposição do texto, vemos que o parágrafo presente no conto é substituído em poucas linhas. *C’étai un accident. C’était un parapluie magnifique! Mon objet de fetiche!* [Foi um acidente. Era um guarda-chuva magnífico! Meu objeto de fetiche!] E ele responde: *Voilà pour vous et bonne chance!* [Aqui está para você e boa sorte! Mostrando o guarda-chuva]. Notamos aqui a grande diferença entre o texto de Maupassant e o texto da HQ. Observamos que os dois apresentam a mesma idéia, mas um deles faz isso de forma mais simplificada.

Depois que ela faz um drama o presidente do ministério de trocas se compadece de sua situação. Ao final do conto Mme Oreille fica feliz comprando um novo guarda-chuva. Mesmo com a mudança do texto, vemos que a ironia presente no conto de Maupassant continua presente. Ao final, o autor nos mostra a característica de ambição no ser humano e como a partir da mudança de situações nós podemos nos comportar de uma forma diferente.

Na continuidade de nossas reflexões, leremos outro conto, no qual também se percebe algumas características humanas tão marcantes na prosa de Maupassant. No caso seguinte, em *Le masque*, encontramos um personagem que não se conforma com a sua condição.

4.3 *Le masque*

O conto *Le masque* se passa em um grande salão de festas em *Élysée-Montmartre*. O salão era um lugar bonito, bem organizado e repleto de boa música. Ele era frequentado por diferentes tipos de pessoas, mas haviam principalmente pessoas ricas e bem nascidas. Jovens moças pobres também iam à festa, mas para fazerem companhia e satisfazerem os homens ricos, que com elas gastavam muito dinheiro. Todos estavam de máscaras, o salão era um lugar onde todos podiam satisfazer os próprios desejos.

Et il tendit une carte à Mme Oreille, qui la saisit, puis se leva et sortit en remerciant, ayant hâte d'être dehors, de crainte qu'il ne changeât d'avis.

Elle allait maintenant d'un pas gai par la rue, cherchant un marchand de parapluies qui lui parût élégant. Quand elle eut trouvé une boutique d'allure riche, elle entra et dit, d'une voix assurée :

- Voici un parapluie à recouvrir en soie, en très bonne soie. Mettez-y ce que vous avez de meilleur. Je ne regarde pas au prix. (MAUPASSANT,1884).

Lá, haviam muitos jovens dançando e dentre todos eles, havia um que se destacava mais, pois dançava muito bem. Ele era magro, alto e portava uma máscara envernizada, com bigode loiro, era muito bonita. Também usava uma peruca loira bem armada.

Ao longo da festa, todos se divertiram bastante, mas o mascarado misterioso começou a passar mal e desmaiou. Foi uma grande confusão. Pensavam que ele deveria estar morto. Um médico que estava presente na festa foi ajudar o rapaz, mas teve uma grande surpresa ao notar que a máscara não queria sair de seu rosto, ela estava colada. Assim também como a pele e a peruca. Foi muito complicado retirar os acessórios do corpo do rapaz, pois eles estavam muito bem colados. Após algum tempo, quando o médico finalmente conseguiu retirar a cola ficou ainda mais surpreso. Em baixo de tudo aquilo estava não um rapaz, mas um homem velho.

Depois que o senhor acordou, o médico perguntou porque ele havia feito algo tão perigoso. O senhor explicou que precisava viver um dia da sua juventude e para isso decidiu reconstruir a si mesmo. Era bastante impressionante como o velho dançava e falava, não parecia ser alguém da sua idade.

A história em quadrinhos feita por pelos adaptadores se inicia com um homem estranho entrando no famoso *Moulin Rouge*. A representação da personagem é feita tal qual o conto de Maupassant "Ele era magro, bem vestido, tinha sobre o rosto uma bela máscara envernizada, uma máscara com um bigode loiro e uma peruca com cachos".²³ No que diz respeito a transposição do texto neste quadro, pouco foi alterado na escrita de Maupassant.

²³ *Il était maigre, vêtu en gommeux, avec un joli masque verni sur le visage, un masque à moustache blonde frisée que coiffait une perruque à boucles* » (MAUPASSANT, 1884)

Figura 17: Recorte 1 da HQ *Le Masque*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 11)

O homem entra no salão e em meio a todas as pessoas que lá estavam presentes começa a dançar freneticamente, como se fosse não um dançarino, mas uma marionete. E, assim como no conto, tamanha desenvoltura para a dança chamou a atenção de todas as pessoas presentes.

Figura 18: Recorte 2 da HQ *Le masque*

Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 11)

Ao observar as imagens dos personagens nos quadros acima, notamos que as outras pessoas não estavam usando máscaras ou fantasias, o que como é descrito no conto original: “Havia um baile a fantasia naquela noite no *Élysée-Montmartre*”²⁴ [Havia naquela noite um baile de máscaras no *Moulin Rouge*].²⁵

²⁴ Il y avait bal costumé, à l'Élysée-Montmartre, ce soir-là. (MAUPASSANT. 1889).

²⁵ Il y avait ce soir un bal masque au moulin-rouge!”(SAMSON, 2013).

Uma informação que acreditamos ser relevante ressaltar é a informação que foi mudada pelos adaptadores, o local do baile mudou de *Élysée-Montmartre* para *Moulin Rouge*. Acreditamos que esse elemento foi mudado para gerar no leitor da HQ mais proximidade com a obra e com a cultura francesa, já que o *Moulin Rouge* é um espaço que todos conhecem. Se puder observar, até mesmo o cartaz na imagem faz referencia a cultura francesa, já que é uma reprodução feita de um cartaz do famoso pintor e ilustrador Henri Toulouse-Lautrec, conhecido por fazer cartazes de grandes festas na época.

Na HQ, assim como no conto, em meio a dança e as festividades o dançarino gasta bastante energia e começa a passar mal, então as pessoas presentes foram chamar um médico para ajudar o homem que havia desmaiado. Ao chegar ao local o médico teve uma grande dificuldade de cuidar do homem, ele não conseguia retirar a máscara que estava em seu rosto.

Figura 19: Recorte 3 da HQ *Le masque*



Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 11)

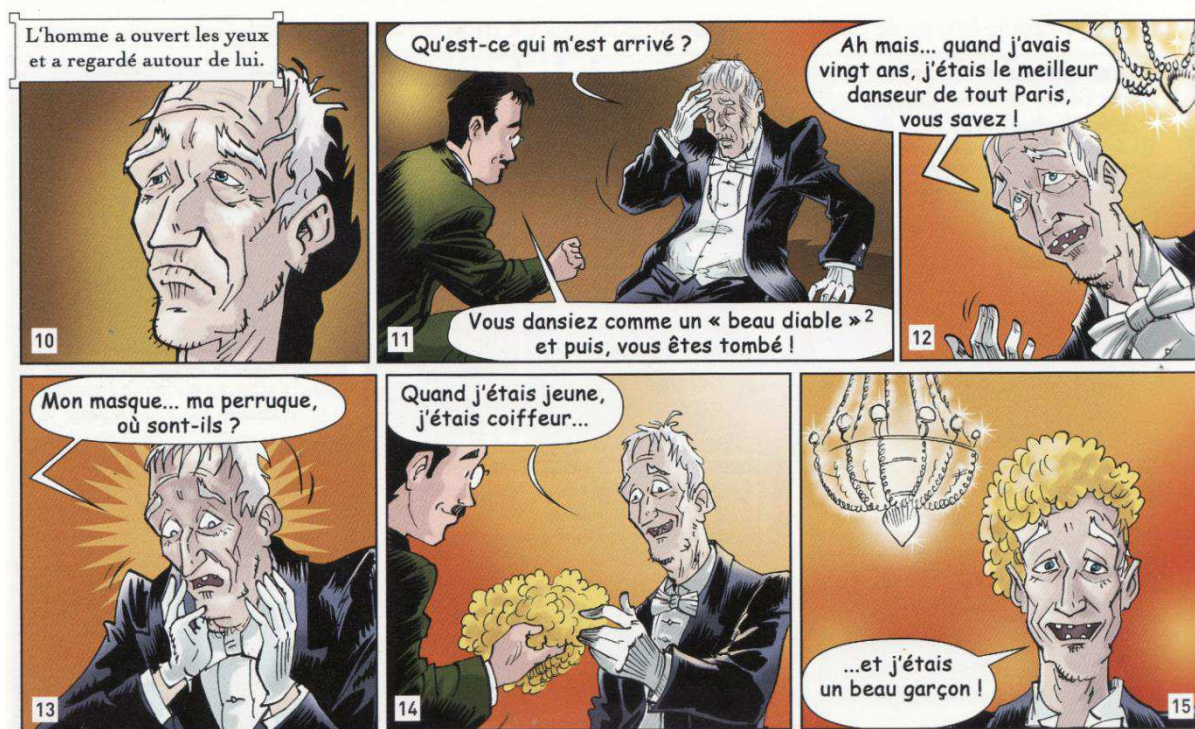
Nesta cena, a HQ faz uma representação tal qual a do conto de Maupassant: as pessoas em volta esperando com que o médico conseguisse retirar a máscara.

Ela faz um pequeno recorte da cena e não mostra que a pele do homem também é falsa. No conto essa parte é descrita detalhadamente de forma até mesmo grotesca, característica do fantástico na escrita de Maupassant.

O doutor quis então remover a máscara e percebeu que ela estava colada de uma forma complicada com uma grande quantidade de partes e fios de metal, que estavam habilmente ligadas as bordas de sua peruca e presos com uma ligadura forte para que ninguém descobrisse o seu segredo. O pescoço em si mesmo foi preso em uma falsa pele, que continuou o queixo e esta pele de luva pintada como carne, estava presa ao colarinho da camisa. (MAUPASSANT, 1889)²⁶

A cena continua e o senhor e em baixo da máscara é finalmente revelado, as pessoas veem o rosto de um homem velho o que surpreende a todos.

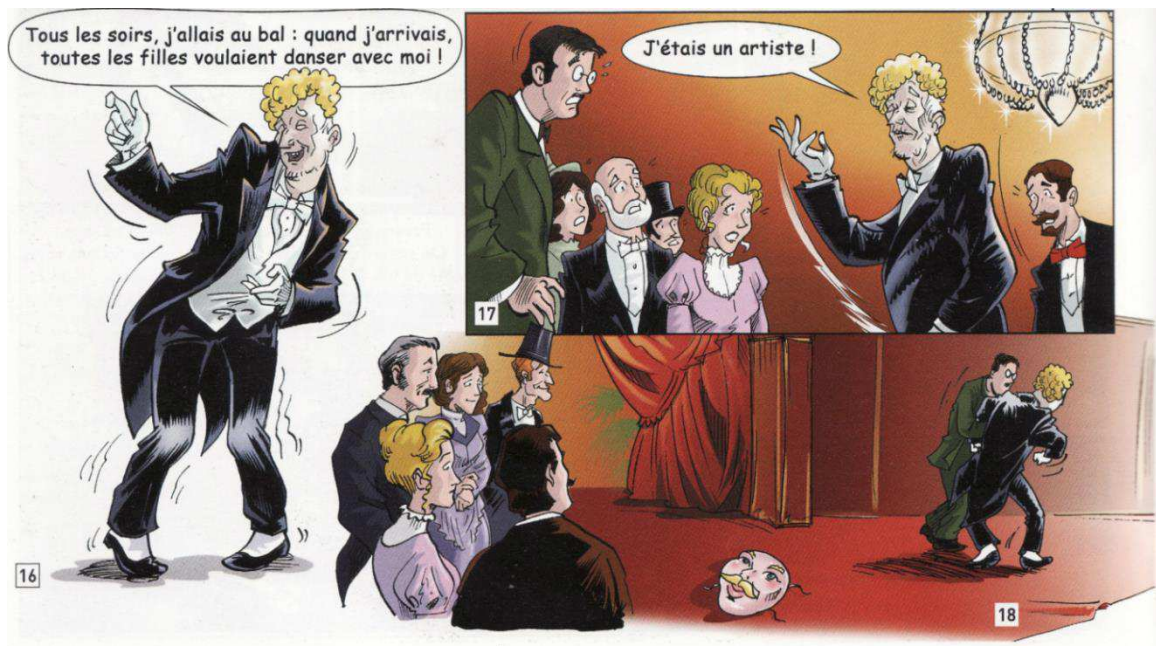
Figura 20: Recorte 4da HQ *Le masque*



Fonte: (SAMSON; BEAUDENON, 2013, p. 12)

Ao abrir os olhos o homem percebe que seu segredo foi revelado e começa a contar histórias de sua juventude, quando ele era forte e um bom dançarino, a história segue o mesmo rumo do conto, porém o texto é mostrado de forma mais resumida. As imagens dão mais expressividade a cena, mostram o senhor com uma estranha alegria.

²⁶ *Le docteur voulut d'abord ôter le masque et reconnut qu'il était attaché d'une façon compliquée avec une multitude de menus fils de métal, qui le liaient adroitement aux bords de sa perruque et enfermaient la tête entière dans une ligature solide dont il fallait avoir le secret. Le cou lui-même était emprisonné dans une fausse peau qui continuait le menton, et cette peau de gant, peinte comme de la chair, attendait au col de la chemise.* (MAUPASSANT, 1889)

Figura. 21: Recorte da HQ *Le masque* 5

Fonte : (SAMSON; BEAUDENON, 2013 p. 12)

Ao final da história o senhor explica que foi um grande artista e a cena e as imagens nos mostram que ele ainda é.

No final da HQ, assim como no conto, acaba com o senhor indo embora no salão. Entretanto, uma cena foi retirada, pois, na obra de Maupassant, quando o senhor está prestes a sair, o médico vai embora e a esposa do velhinho grita pedindo seu número de telefone para que ele possa ajudar a cuidar de seu marido em outro momento « *Voulez-vous tout de même me donner votre adresse?* [Você não gostaria de me dar um seu endereço?] « *S'il était plus malade, j'irais vous chercher.* » [Se ele estiver mais doente, eu irei te procurar].

Ao observar as análises acima, notamos que a HQ, quanto adaptação dos contos de Maupassant, contou as histórias em uma narrativa muito próxima da obra original. Entretanto, alguns aspectos foram mudados, como por exemplo, os finais de alguns dos contos. Em *En Voyage*, por exemplo, a morte trágica e o enterro da condessa foram substituídos pelo encontro romântico com seu grande amor, o rapaz que havia conhecido no vagão do trem.

Já em *Le Parapluie*, o sentido de ironia permaneceu, assim como no conto; pois, a narrativa dá ênfase aos valores frágeis de Madame Oseille, uma senhora econômica e sovina, que não se preocupou em comprar o mais belo e caro tecido/guarda-chuva

quando o dinheiro a ser gasto não era o seu, procurando nas mais belas e caras lojas de Paris.

Ao final do conto *Le masque*, nos deparamos com uma situação semelhante, que mostra um senhor idoso que não se conformava com a sua condição e, por isso, queria se transformar, à noite, em um jovem rapaz. O final não perdeu o sentido escrito em 1884 por Maupassant, mas ele foi simplificado. As cenas nas quais a esposa do velho homem o ajudava, como em outras ocasiões, foram retiradas.

Acreditamos que os finais e outros aspectos foram alterados para simplificar um pouco a história, já que as HQ deveriam conter apenas duas páginas cada, tamanho curto em comparação aos contos de Maupassant. Algo que também deve ser levado em consideração é o público alvo destas adaptações: leitores jovens com nível básico de língua francesa. Neste caso, pareceu ser mais sedutor apresentar um conto simples, polido e romântico do que o que traz tristeza, dor, crueldade, sangue e morte, características que nessas adaptações foram ocultadas.

No que diz respeito à transposição do texto e aos efeitos de sentido criados pelo encadeamento narrativo e a colocação das imagens, nós observamos que a linguagem não foi muito alterada. Notamos que houve a tentativa de simplificação da linguagem através da diminuição dos períodos e sentenças, da mudança dos tempos verbais e de outros aspectos linguísticos culturais, como a substituição de *l'Élisée Montmatre* por *Moulin Rouge*, -no conto *Le masque*-, para fazer com que os leitores ficassem mais próximos da obra, já que o *Moulin Rouge* hoje é um local mais conhecido, principalmente para os estrangeiros.

A colocação das imagens respeitou o encadeamento narrativo, não seguindo uma ordem diferente do conto original. Elas foram postas de forma a completar o sentido do texto, não se mostraram irrelevantes, ou repetitivas, elas se posicionaram de forma a ajudar o leitor diante da identificação dos sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionamos anteriormente, as HQ contam histórias bastante próximas dos contos de Maupassant. No entanto, chegando ao final de nosso trabalho e de nossas análises, concluímos que essas adaptações nos trazem algo de diferente e não estamos apenas nos referindo ao conteúdo. A HQ nos encaminha uma nova possibilidade de leitura, uma nova linguagem. Diferentemente do que alguns teóricos afirmam, sobre as imagens quando juntas a textos literários impedirem a imaginação do leitor, nós pensamos que elas não funcionam como um mero subterfúgio, nós acreditamos que elas, assim como os textos verbais, contam sua própria história. E se estiverem juntas às palavras, então, possibilitam aos leitores uma experiência única e prazerosa.

Claro que não podemos deixar de lado, ou desacreditar, em sua função simplificadora. Já que nós, os seres humanos, temos contato com símbolos e imagens desde nosso nascimento. Aprendemos a nos comunicar por gestos antes mesmo de falar. Logo, as imagens fazem parte do nosso ser, antes mesmo das palavras e da escrita. É por isso que elas, juntas ao texto, trazem também a facilitação da leitura, principalmente quando estamos em frente ao ensino aprendizagem de uma língua estrangeira. Já que a língua não é feita apenas de palavras, mas de cultura, que são imagens do povo e de seus costumes. É preciso saber ler imagens. É preciso um letramento em diferentes tipos de gêneros.

Nosso trabalho foi fundamentado na comparação entre a obra de Maupassant e nas adaptações para Histórias em quadrinhos. Logo, tratamos aqui o conto de Maupassant como a fonte original para nossa análise comparativa. Contudo, ao chegar na fase final de nossa pesquisa nos questionamos sobre alguns pontos a respeito da originalidade.

Percebemos que as HQ aqui apresentadas não nos relatam o texto tal qual o original, mas elas nos contam uma nova história. Pensando nisso, nos questionamos: o que é obra original? Sabemos que uma adaptação, propriamente dita, tem por finalidade rerepresentar, de uma forma diferente, uma obra que é preexistente.

Entretanto, para quem assistiu a um filme antes de ler o livro no qual foi baseado, qual é o original? Fazer comparação é bastante interessante para observar como cada linguagem se comporta, mas, ao mesmo tempo, é preciso refletir também sobre como esses gêneros e obras de arte se comportam em suas múltiplas interações e utilizações do que se prender em questões de certo e errado e de originalidade.

Independentemente de serem fiéis aos contos, essas HQ são de grande importância para os leitores de FLE, tanto para os iniciantes, que ainda não tem a habilidade/ noção de língua para lerem obras longas, que exigem vocabulário e conhecimento de mundo mais vastos, como para todos os que buscam uma leitura diferenciada, cheia de múltiplos elementos que estão para além do texto escrito.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Távita; RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho. **A interdisciplinaridade nas histórias em quadrinhos.** Disponível em: <<http://www.rtve.org.br/seminario/4SeminaroAnais/PDF/GT1/gt1-3.pdf>> Acesso em: 24/08/2014.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 18.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** 3^a.ed. (Revista e Ampliada). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p.249.

CALAIS, Étienne. **Une vie – Guy de Maupassant.** Éditions Nathan, 1990.

CARLIER, Cristophe. **Le Roman naturaliste – Zola, Maupassant.** Paris, 1999.

COSTA, Lucas Piter Alves.; SIMÕES, Alex Caldas Reflexões **sobre a leitura de quadrinhos: da interpretação à produção textual.** Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 01, n. 02, p. 73 – 87, jul./dez. 2012.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Palmas e união da Vitoria, PR: Kaygangue, 2005.

DIONÍSIO, Angela Paiva. **Gêneros multimodais e multiletramento.**In. Gêneros textutais: Reflexões e Ensino. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008, p. 119, 120.

DÜRRENMATT, Jacques. **Bande dessinée et littérature.** Classiques Garnier: Paris, 2013.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: Princípios e práticas do lendário cartunista.** São Paulo: Editora Martins Fontes Ltda, 2010.

JAGUARIBE, Beatriz. **Modernidade cultural e estéticas do realismo.** Revista ECO-Pós, v. 9, n. 1, 2009.

LEAL, Flávio. **Nos rastros do rastreador:** Antonio Candido. Sobre a crítica literária brasileira. Disponível em: <<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero30/cribrasi.html>>.

MUNDO ESTRANHO ABRIL. Qual a origem das histórias em quadrinhos? Revista Mundo Estranho. Disponível em:< <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-inventou-a-historias-em-quadrinhos>>.

- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Schwarcz, LTDA, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In. Gêneros textuais: Reflexões e Ensino. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.
- MAUPASSANT, Guy. **Contes et nouvelles**. Tome I. Paris: Gallimard, 1974.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995, p. 92.
- MIRANDA, Juliana. **Qual a origem das histórias em quadrinhos?** Disponível em: <<http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/qual-a-origem-das-historias-em-quadrinhos.html>>.
- MORAIS, José. **A arte de ler: psicologia cognitiva da leitura**. Lisboa: Cosmos, 1997.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luís Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- NOBREGA, Carmen V. de A. R. **Maupassant contista traduzido em antologias brasileiras: Paratextos**. Florianópolis – 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128720/330834.pdf?sequence=1>.
- PEQUENO RESUMO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**
<<http://powsoc.tunc.blogspot.com.br/2007/08/pequeno-resumo-da-origem-das-historias.html>> Acesso em: 24/08/2014.
- PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei. **Questões de leitura: Aspectos Práticos e teóricos da leitura em francês língua estrangeira**. São Paulo: Annablume, 2001.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.
- RACHMÜHL, Françoise. **Le Horla et autres contes fantastiques**. Hatier. Paris, 1992.
- SAMSOM, Colette. BEAUDENON, Thierry. **Contes et nouvelles : d'après l'œuvre de Guy de Maupassant**. CLE internationale, 2013.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2009.

VILELA-RIBEIRO, Eveline Borges; BENITE, Anna Maria Canavarro. Professores formadores de Professores de Ciências: o que influencia suas concepções sobre inclusão? **Alexandria – Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis: UFSC. 2011.

ZENI, Lielson. **Literatura em quadrinhos**.In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo.*Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.p.127.

ANEXOS

En Voyage – Guy de Maupassant.

À Gustave Toudouze.

Le wagon était au complet depuis Cannes ; on causait, tout le monde se connaissant. Lorsqu'on passa Tarascon, quelqu'un dit : « C'est ici qu'on assassine ». Et on se mit à parler du mystérieux et insaisissable meurtrier qui, depuis deux ans, s'offre, de temps en temps, la vie d'un voyageur. Chacun faisait des suppositions, chacun donnait son avis ; les femmes regardaient en frissonnant la nuit sombre derrière les vitres, avec la peur de voir apparaître soudain une tête d'homme à la portière. Et on se mit à raconter des histoires effrayantes de mauvaises rencontres, des tête-à-tête avec des fous dans un rapide, des heures passées en face d'un personnage suspect. Chaque homme savait une anecdote à son honneur, chacun avait intimidé, terrassé et garrotté quelque malfaiteur en des circonstances surprenantes, avec une présence d'esprit et une audace admirables. Un médecin, qui passait chaque hiver dans le Midi, voulut à son tour conter une aventure : Moi, dit-il, je n'ai jamais eu la chance d'expérimenter mon courage dans une affaire de cette sorte ; mais j'ai connu une femme, une de mes clientes, morte aujourd'hui, à qui arriva la plus singulière chose du monde, et aussi la plus mystérieuse et la plus attendrissante. C'était une Russe, la comtesse Marie Baranow, une très grande dame, d'une exquise beauté. Vous savez comme les Russes sont belles, du moins comme elles nous semblent belles, avec leur nez fin, leur bouche délicate, leurs yeux rapprochés, d'une indéfinissable couleur, d'un bleu gris, et leur grâce froide, un peu dure ! Elles ont quelque chose de méchant et de séduisant, d'altier et de doux, de tendre et de sévère, tout à fait charmant pour un Français. Au fond, c'est peut-être seulement la différence de race et de type qui me fait voir tant de choses en elles. Son médecin, depuis plusieurs années, la voyait menacée d'une maladie de poitrine et tâchait de la décider à venir dans le Midi de la France ; mais elle refusait obstinément de quitter Petersbourg. Enfin l'automne dernier, la jugeant perdue, le docteur prévint le mari qui ordonna aussitôt à sa femme de partir pour Menton. Elle prit le train, seule dans son wagon, ses gens de service occupant un autre compartiment. Elle restait contre la portière, un peu triste, regardant passer les campagnes et les villages, se sentant bien isolée, bien abandonnée dans la vie, sans enfants, presque sans parents, avec un mari dont l'amour était mort et qui la jetait ainsi au bout du monde sans venir avec elle, comme on envoie à l'hôpital un valet malade. À chaque station, son serviteur Ivan venait s'informer si rien ne manquait à sa maîtresse. C'était un vieux domestique aveuglément dévoué, prêt à accomplir tous les ordres qu'elle lui donnerait. La nuit tomba, le convoi roulait à toute vitesse. Elle ne pouvait dormir, énervée à l'excès. Soudain la pensée lui vint de compter l'argent que son mari lui avait remis à la dernière minute, en or de France. Elle ouvrit son petit sac et vida sur ses genoux le flot luisant de métal. Mais tout à coup un souffle d'air froid lui frappa le visage. Surprise, elle leva la tête. La portière venait de s'ouvrir. La comtesse Marie, éperdue, jeta brusquement un châte sur son argent répandu dans sa robe, et attendit. Quelques secondes s'écoulèrent,

puis un homme parut, nu-tête, Maupassant En voyage [I. 1883] Page 472 Page 472 blessé à la main, haletant, en costume de soirée. Il referma la porte, s'assit, regarda sa voisine avec des yeux luisants, puis enveloppa d'un mouchoir son poignet dont le sang coulait. La jeune femme se sentait défaillir de peur. Cet homme, certes, l'avait vue compter son or, et il était venu pour la voler et la tuer. Il la fixait toujours, essoufflé, le visage convulsé, prêt à bondir sur elle sans doute. Il dit brusquement : « Madame, n'ayez pas peur ! » Elle ne répondit rien, incapable d'ouvrir la bouche, entendant son cœur battre et ses oreilles bourdonner. Il reprit : « Je ne suis pas un malfaiteur, madame. » Elle ne disait toujours rien, mais, dans un brusque mouvement qu'elle fit, ses genoux s'étant rapprochés, son or se mit à couler sur le tapis comme l'eau coule d'une gouttière. L'homme, surpris, regardait ce ruisseau de métal, et il se baissa tout à coup pour le ramasser. Elle, effarée, se leva, jetant à terre toute sa fortune, et elle courut à la portière pour se précipiter sur la voie. Mais il comprit ce qu'elle allait faire, s'élança, la saisit dans ses bras, la fit asseoir de force, et la maintenant par les poignets : « Écoutez-moi, madame, je ne suis pas un malfaiteur, et, la preuve, c'est que je vais ramasser cet argent et vous le rendre. Mais je suis un homme perdu, un homme mort, si vous ne m'aidez pas à passer la frontière. Je ne puis vous en dire davantage. Dans une heure, nous serons à la dernière station russe ; dans une heure vingt, nous franchirons la limite de l'Empire. Si vous ne me secourez point, je suis perdu. Et cependant, madame, je n'ai ni tué, ni volé, ni rien fait de contraire à l'honneur. Cela je vous le jure. Je ne puis vous en dire davantage. » Et, se mettant à genoux, il ramassa l'or jusque sous les banquettes, cherchant les dernières pièces roulées au loin. Puis, quand ce petit sac de cuir fut plein de nouveau, il le remit à sa voisine sans ajouter un mot, et il retourna s'asseoir à l'autre coin du wagon. Ils ne remuaient plus ni l'un ni l'autre. Elle demeurait immobile et muette, encore défaillante de terreur, mais s'apaisant peu à peu. Quant à lui, il ne faisait pas un geste, pas un mouvement ; il restait droit, les yeux fixés devant lui, très pâle, comme s'il eût été mort. De temps en temps elle jetait vers lui un regard brusque, vite détourné. C'était un homme de trente ans environ, fort beau, avec toute l'apparence d'un gentilhomme. Le train courait dans les ténèbres, jetait par la nuit ses appels déchirants, ralentissait parfois sa marche, puis repartait à toute vitesse. Mais soudain il calma son allure, siffla plusieurs fois et s'arrêta tout à fait. Ivan parut à la portière afin de prendre les ordres. La comtesse Marie, la voix tremblante, considéra une dernière fois son étrange compagnon, puis elle dit à son serviteur, d'une voix brusque : « Ivan, tu vas retourner près du comte, je n'ai plus besoin de toi. » L'homme, interdit, ouvrait des yeux énormes. Il balbutia : « Mais... barine. » Elle reprit : « Non, tu ne viendras pas, j'ai changé d'avis. Je veux que tu restes en Russie. Tiens, voici de l'argent pour retourner. Donne-moi ton bonnet et ton manteau. » Le vieux domestique, effaré, se décoiffa et tendit son manteau, obéissant toujours sans répondre, habitué aux volontés soudaines et aux irrésistibles caprices des maîtres. Et il s'éloigna, les larmes aux yeux. Le train repartit, courant à la frontière. Alors la comtesse Marie dit à son voisin : Maupassant En voyage [I. 1883] Page 473 Page 473 « Ces choses sont pour vous, monsieur, vous êtes Ivan, mon serviteur. Je ne mets qu'une condition à ce que je fais : c'est que vous ne me parlerez jamais, que vous ne me direz pas un mot, ni pour me remercier, ni pour quoi que ce soit. » L'inconnu s'inclina sans prononcer une parole.

Bientôt on s'arrêta de nouveau et des fonctionnaires en uniforme visitèrent le train. La comtesse leur tendit les papiers et, montrant l'homme assis au fond de son wagon : « C'est mon domestique Ivan, dont voici le passeport. » Le train se remit en route. Pendant toute la nuit, ils restèrent en tête-à-tête, muets tous deux. Le matin venu, comme on s'arrêtait dans une gare allemande, l'inconnu descendit ; puis, debout à la portière : « Pardonnez-moi, madame, de rompre ma promesse ; mais je vous ai privée de votre domestique, il est juste que je le remplace. N'avez-vous besoin de rien ? » Elle répondit froidement : « Allez chercher ma femme de chambre. » Il y alla. Puis disparut. Quand elle descendait à quelque buffet, elle l'apercevait de loin qui la regardait. Ils arrivèrent à Menton. II Le docteur se tut une seconde, puis reprit : Un jour, comme je recevais mes clients dans mon cabinet, je vis entrer un grand garçon qui me dit : « Docteur, je viens vous demander des nouvelles de la comtesse Marie Baranow. Je suis, bien qu'elle ne me connaisse point, un ami de son mari. » Je répondis : « Elle est perdue. Elle ne retournera pas en Russie. » Et cet homme brusquement se mit à sangloter, puis il se leva et sortit en trébuchant comme un ivrogne. Je prévins, le soir même, la comtesse qu'un étranger était venu m'interroger sur sa santé. Elle parut émue et me raconta toute l'histoire que je viens de vous dire. Elle ajouta : « Cet homme que je ne connais point me suit maintenant comme mon ombre, je le rencontre chaque fois que je sors ; il me regarde d'une étrange façon, mais il ne m'a jamais parlé. » Elle réfléchit, puis ajouta : « Tenez, je parie qu'il est sous mes fenêtres. » Elle quitta sa chaise longue, alla écarter les rideaux et me montra en effet l'homme qui était venu me trouver, assis sur un banc de la promenade, les yeux levés vers l'hôtel. Il nous aperçut, se leva et s'éloigna sans retourner une fois la tête. Alors, j'assistai à une chose surprenante et douloureuse, à l'amour muet de ces deux êtres qui ne se connaissaient point. Il l'aimait, lui, avec le dévouement d'une bête sauvée, reconnaissante et dévouée à la mort. Il venait chaque jour me dire : « Comment va-t-elle ? » comprenant que je l'avais deviné. Et il pleurait affreusement quand il l'avait vue passer plus faible et plus pâle chaque jour. Elle me disait : « Je ne lui ai parlé qu'une fois, à ce singulier homme, et il me semble que je le connais depuis vingt ans. » Et quand ils se rencontraient, elle lui rendait son salut avec un sourire grave et charmant. Je la sentais heureuse, elle si abandonnée et qui se savait perdue, je la sentais heureuse d'être aimée ainsi, Maupassant En voyage [II. 1883] Page 474 Page 474 avec ce respect et cette constance, avec cette poésie exagérée, avec ce dévouement prêt à tout. Et pourtant, fidèle à son obstination d'exaltée, elle refusait désespérément de le recevoir, de connaître son nom, de lui parler. Elle disait : « Non, non, cela me gênerait cette étrange amitié. Il faut que nous demeurions étrangers l'un à l'autre. » Quant à lui, il était certes également une sorte de Don Quichotte, car il ne fit rien pour se rapprocher d'elle. Il voulait tenir jusqu'au bout l'absurde promesse de ne lui jamais parler qu'il avait faite dans le wagon. Souvent, pendant ses longues heures de faiblesse, elle se levait de sa chaise longue et allait entrouvrir son rideau pour regarder s'il était là, sous sa fenêtre. Et quand elle l'avait vu, toujours immobile sur son banc, elle revenait se coucher avec un sourire aux lèvres. Elle mourut un matin, vers dix heures. Comme je sortais de l'hôtel, il vint à moi, le visage bouleversé ; il savait déjà la nouvelle. « Je voudrais la voir une seconde, devant vous », dit-il. Je lui pris le bras et rentrai dans la maison. Quand il fut devant le

lit de la morte, il lui saisit la main et la baisa d'un interminable baiser, puis il se sauva comme un insensé. | Le docteur se tut de nouveau, et reprit : « Voilà, certes, la plus singulière aventure de chemin de fer que je connaisse. Il faut dire aussi que les hommes sont des drôles de toqués. » Une femme murmura à mi-voix : « Ces deux êtres-là ont été moins fous que vous ne croyez... Ils étaient... ils étaient... » Mais elle ne pouvait plus parler, tant elle pleurait. Comme on changea de conversation pour la calmer, on ne sut pas ce qu'elle voulait dire.

Le Parapluie – Guy de Maupassant

A Camille Oudinot.

Madame Oreille était économe. Elle savait la valeur d'un sou et possédait un arsenal de principes sévères sur la multiplication de l'argent. Sa bonne, assurément, avait grand mal à faire danser l'anse du panier ; et M. Oreille n'obtenait sa monnaie de poche qu'avec une extrême difficulté. Ils étaient à leur aise, pourtant, et sans enfants ; mais Mme Oreille éprouvait une vraie douleur à voir les pièces blanches sortir de chez elle. C'était comme une déchirure pour son cœur ; et, chaque fois qu'il lui avait fallu faire une dépense de quelque importance, bien qu'indispensable, elle dormait fort mal la nuit suivante.

Oreille répétait sans cesse à sa femme :

- Tu devrais avoir la main plus large, puisque nous ne mangeons jamais nos revenus.

Elle répondait :

- On ne sait jamais ce qui peut arriver. Il vaut mieux avoir plus que moins.

C'était une petite femme de quarante ans, vive, ridée, propre et souvent irritée.

Son mari, à tout moment, se plaignait des privations qu'elle lui faisait endurer. Il en était certaines qui lui devenaient particulièrement pénibles, parce qu'elles atteignaient sa vanité.

Il était commis principal au Ministère de la guerre, demeuré là uniquement pour obéir à sa femme, pour augmenter les rentes inutilisées de la maison.

Or, pendant deux ans, il vint au bureau avec le même parapluie rapiécé qui donnait à rire à ses collègues. Las enfin de leurs quolibets, il exigea que Mme Oreille lui achetât un nouveau parapluie. Elle en prit un de huit francs cinquante, article de réclame d'un grand magasin. Les employés, en apercevant cet objet jeté dans Paris par milliers, recommencèrent leurs plaisanteries, et Oreille en souffrit horriblement. Le parapluie ne valait rien. En trois mois, il fut hors de service, et la gaieté devint générale dans le Ministère. On fit même une chanson qu'on entendait du matin au soir, du haut en bas de l'immense bâtiment.

Oreille, exaspéré, ordonna à sa femme de lui choisir un nouveau riflard, en soie fine, de vingt francs, et d'apporter une facture justificative.

Elle en acheta un de dix-huit francs, et déclara, rouge d'irritation, en le remettant à son époux :

- Tu en as là pour cinq ans au moins.

Oreille, triomphant, obtint un vrai succès au bureau.

Lorsqu'il rentra le soir, sa femme, jetant un regard inquiet sur le parapluie, lui dit :

- Tu ne devrais pas le laisser serré avec l'élastique, c'est le moyen de couper la soie.

C'est à toi d'y veiller, parce que je ne t'en achèterai pas un de sitôt.

Elle le prit, dégrafa l'anneau et secoua les plis. Mais elle demeura saisie d'émotion. Un trou rond, grand comme un centime, lui apparut au milieu du parapluie. C'était une brûlure de cigare !

Elle balbutia :

- Qu'est-ce qu'il a ?

Son mari répondit tranquillement, sans regarder :

- Qui, quoi ? Que veux-tu dire ?

La colère l'étranglait maintenant ; elle ne pouvait plus parler :

- Tu... tu... tu as brûlé... ton... ton... parapluie. Mais tu... tu... tu es donc fou !... Tu veux nous ruiner !

Il se retourna, se sentant pâlir :

- Tu dis ?

- Je dis que tu as brûlé ton parapluie. Tiens !...

Et, s'élançant vers lui comme pour le battre, elle lui mit violemment sous le nez la petite brûlure circulaire.

Il restait éperdu devant cette plaie, bredouillant :

- Ça, ça... qu'est-ce que c'est ? Je ne sais pas, moi ! Je n'ai rien fait, rien, je te le jure. Je ne sais pas ce qu'il a, moi, ce parapluie !

Elle criait maintenant :

- Je parie que tu as fait des farces avec lui dans ton bureau, que tu as fait le saltimbanque, que tu l'as ouvert pour le montrer.

Il répondit :

- Je l'ai ouvert une seule fois pour montrer comme il était beau. Voilà tout. Je te le jure.

Mais elle trépignait de fureur, et elle lui fit une de ces scènes conjugales qui rendent le foyer familial plus redoutable pour un homme pacifique qu'un champ de bataille où pleuvent les balles.

Elle ajusta une pièce avec un morceau de soie coupé sur l'ancien parapluie, qui était de couleur différente ; et, le lendemain Oreille partit, d'un air humble, avec l'instrument raccommodé. Il le posa dans son armoire et n'y pensa plus que comme on pense à quelque mauvais souvenir.

Mais à peine fut-il rentré, le soir, sa femme lui saisit son parapluie dans les mains, l'ouvrit pour constater son état, et demeura suffoquée devant un désastre irréparable. Il était criblé de petits trous provenant évidemment de brûlures, comme si on eût vidé dessus la cendre d'une pipe allumée. Il était perdu, perdu sans remède.

Elle contemplait cela sans dire un mot, trop indignée pour qu'un son pût sortir de sa gorge. Lui aussi, il constatait le dégât et il restait stupide, épouvanté, consterné.

Puis ils se regardèrent ; puis il baissa les yeux ; puis il reçut par la figure l'objet crevé qu'elle lui jetait ; puis elle cria, retrouvant sa voix dans un emportement de fureur :

- Ah ! canaille ! canaille ! Tu en as fait exprès ! Mais tu me le payeras ! Tu n'en auras plus...

Et la scène recommença. Après une heure de tempête, il put enfin s'expliquer. Il jura qu'il n'y comprenait rien ; que cela ne pouvait provenir que de malveillance ou de vengeance.

Un coup de sonnette le délivra. C'était un ami qui devait dîner chez eux.

Mme Oreille lui soumit le cas. Quant à acheter un nouveau parapluie, c'était fini, son mari n'en aurait plus.

L'ami argumenta avec raison :

- Alors, madame, il perdra ses habits, qui valent certes davantage.

La petite femme, toujours furieuse, répondit :

- Alors il prendra un parapluie de cuisine, je ne lui en donnerai pas un nouveau en soie.

A cette pensée, Oreille se révolta.

- Alors je donnerai ma démission, moi ! Mais je n'irai pas au Ministère avec un parapluie de cuisine.

L'ami reprit :

- Faites recouvrir celui-là, ça ne coûte pas très cher.

Mme Oreille, exaspérée, balbutiait :

- Il faut au moins huit francs pour le faire recouvrir. Huit francs et dix-huit, cela fait vingt-six ! Vingt-six francs pour un parapluie, mais c'est de la folie ! c'est de la démente !

L'ami, bourgeois pauvre, eut une inspiration :

- Faites-le payer par votre Assurance. Les compagnies payent les objets brûlés, pourvu que le dégât ait eu lieu dans votre domicile.

A ce conseil, la petite femme se calma net ; puis, après une minute de réflexion, elle dit à son mari :

- Demain, avant de te rendre à ton Ministère, tu iras dans les bureaux de *La Maternelle* faire constater l'état de ton parapluie et réclamer le paiement.

M. Oreille eut un soubresaut.

- Jamais de la vie je n'oserai ! C'est dix-huit francs de perdus, voilà tout. Nous n'en mourrons pas.

Et il sortit le lendemain avec une canne. Il faisait beau, heureusement.

Restée seule à la maison, Mme Oreille ne pouvait se consoler de la perte de ses dix-huit francs. Elle avait le parapluie sur la table de la salle à manger, et elle tournait autour, sans parvenir à prendre une résolution.

La pensée de l'Assurance lui revenait à tout instant, mais elle n'osait pas non plus affronter les regards railleurs des messieurs qui la recevraient, car elle était timide devant le monde, rougissant pour un rien, embarrassée dès qu'il lui fallait parler à des inconnus.

Cependant le regret des dix-huit francs la faisait souffrir comme une blessure. Elle n'y voulait plus songer, et sans cesse le souvenir de cette perte la martelait douloureusement. Que faire cependant ? Les heures passaient ; elle ne se décidait à rien. Puis, tout à coup, comme les poltrons qui deviennent crânes, elle prit sa résolution :

- J'irai, et nous verrons bien !

Mais il lui fallait d'abord préparer le parapluie pour que le désastre fût complet et la cause facile à soutenir. Elle prit une allumette sur la cheminée et fit, entre les baleines, une grande brûlure, large comme la main ; puis elle roula délicatement ce qui restait de la soie, le fixa avec le cordelet élastique, mit son châle et son chapeau, et descendit d'un pied pressé vers la rue de Rivoli où se trouvait l'Assurance.

Mais, à mesure qu'elle approchait, elle ralentissait le pas. Qu'allait-elle dire ? Qu'allait-on lui répondre ?

Elle regardait les numéros des maisons. Elle en avait encore vingt-huit. Très bien !

elle pouvait réfléchir. Elle allait de moins en moins vite. Soudain elle tressaillit. Voici la porte, sur laquelle brille en lettres d'or : "*La Maternelle*, Compagnie d'assurances contre l'incendie." Déjà ! Elle s'arrêta une seconde, anxieuse, honteuse, puis passa, puis revint, puis passa de nouveau, puis revint encore.

Elle se dit enfin :

- Il faut y aller, pourtant. Mieux vaut plus tôt que plus tard.

Mais, en pénétrant dans la maison, elle s'aperçut que son cœur battait.

Elle entra dans une vaste pièce avec des guichets tout autour, et, par chaque guichet, on apercevait une tête d'homme dont le corps était masqué par un treillage.

Un monsieur parut, portant des papiers. Elle s'arrêta et, d'une petite voix timide :

- Pardon, monsieur, pourriez-vous me dire où il faut s'adresser pour se faire rembourser les objets brûlés.

Il répondit, avec un timbre sonore :

- Premier, à gauche. Au bureau des sinistres.

Ce mot l'intimida davantage encore ; et elle eut envie de se sauver, de ne rien dire, de sacrifier ses dix-huit francs. Mais à la pensée de cette somme, un peu de courage lui revint, et elle monta, essoufflée, s'arrêtant à chaque marche.

Au premier, elle aperçut une porte, elle frappa. Une voix claire cria :

- Entrez !

Elle entra, et se vit dans une grande pièce où trois messieurs, debout, décorés, solennels, causaient.

Un d'eux lui demanda :

- Que désirez-vous, madame ?

Elle ne trouvait plus ses mots, elle bégaya :

- Je viens... je viens... pour... pour un sinistre.

Le monsieur, poli, montra un siège.

- Donnez-vous la peine de vous asseoir, je suis à vous dans une minute.

Et, retournant vers les deux autres, il reprit la conversation.

- La Compagnie, messieurs, ne se croit pas engagée envers vous pour plus de quatre cent mille francs. Nous ne pouvons admettre vos revendications pour les cent mille francs que vous prétendez nous faire payer en plus. L'estimation d'ailleurs...

Un des deux autres l'interrompit :

- Cela suffit, monsieur, les tribunaux décideront. Nous n'avons plus qu'à nous retirer.

Et ils sortirent après plusieurs saluts cérémonieux.

Oh ! si elle avait osé partir avec eux, elle l'aurait fait ; elle aurait fui, abandonnant tout ! Mais le pouvait-elle ? Le monsieur revint et, s'inclinant :

- Qu'y a-t-il pour votre service, madame ?

Elle articula péniblement :

- Je viens pour... pour ceci.

Le directeur baissa les yeux, avec un étonnement naïf, vers l'objet qu'elle lui tendait.

Elle essayait, d'une main tremblante, de détacher l'élastique. Elle y parvint après quelques efforts, et ouvrit brusquement le squelette loqueteux du parapluie.

L'homme prononça, d'un ton compatissant :

- Il me paraît bien malade.

Elle déclara avec hésitation :

- Il m'a coûté vingt francs.

Il s'étonna :

- Vraiment ! Tant que ça.

- Oui, il était excellent. Je voulais vous faire constater son état.

- Fort bien ; je vois. Fort bien. Mais je ne saisis pas en quoi cela peut me concerner.

Une inquiétude la saisit. Peut-être cette compagnie-là ne payait-elle pas les menus objets, et elle dit :

- Mais... il est brûlé...

Le monsieur ne nia pas :

- Je le vois bien.

Elle restait bouche bée, ne sachant plus que dire ; puis, soudain, comprenant son oubli, elle prononça avec précipitation :

- Je suis Mme Oreille. Nous sommes assurés à la Maternelle, et je viens vous réclamer le prix de ce dégât.

Elle se hâta d'ajouter dans la crainte d'un refus positif :

- Je demande seulement que vous le fassiez recouvrir.

Le directeur, embarrassé, déclara :

- Mais... madame... nous ne sommes pas marchands de parapluies. Nous ne pouvons nous charger de ces genres de réparations.

La petite femme sentait l'aplomb lui revenir. Il fallait lutter. Elle lutterait donc ! Elle n'avait plus peur ; elle dit :

- Je demande seulement le prix de la réparation. Je la ferai bien faire moi-même.

Le monsieur semblait confus.

- Vraiment, madame, c'est bien peu. On ne nous demande jamais d'indemnité pour des accidents d'une si minime importance. Nous ne pouvons rembourser, convenez-en, les mouchoirs, les gants, les balais, les savates, tous les petits objets qui sont exposés chaque jour à subir des avaries par la flamme.

Elle devint rouge, sentant la colère l'envahir :

- Mais, monsieur, nous avons eu, au mois de décembre dernier, un feu de cheminée qui nous a causé au moins pour cinq cents francs de dégâts ; M. Oreille n'a rien réclamé à la compagnie ; aussi il est bien juste aujourd'hui qu'elle me paye mon parapluie !

Le directeur, devinant le mensonge, dit en souriant :

- Vous avouerez, madame, qu'il est bien étonnant que M. Oreille, n'ayant rien demandé pour un dégât de cinq cents francs, vienne réclamer une réparation de cinq ou six francs pour un parapluie.

Elle ne se troubla point et répliqua :

- Pardon, monsieur, le dégât de cinq cents francs concernait la bourse de M. Oreille, tandis que le dégât de dix-huit francs concerne la bourse de Mme Oreille, ce qui n'est pas la même chose.

Il vit qu'il ne s'en débarrasserait pas et qu'il allait perdre sa journée, et il demanda avec résignation :

- Veuillez me dire alors comment l'accident est arrivé.

Elle sentit la victoire et se mit à raconter :

- Voilà, monsieur : j'ai dans mon vestibule une espèce de chose en bronze où l'on pose les parapluies et les cannes. L'autre jour donc, en rentrant, je plaçai dedans celui-là. Il faut vous dire qu'il y a juste au-dessus une planchette pour mettre les bougies et les allumettes. J'allonge le bras et je prends quatre allumettes. J'en frotte une ; elle rate. J'en frotte une autre ; elle s'allume et s'éteint aussitôt. J'en frotte une troisième ; elle en fait autant.

Le directeur l'interrompit pour placer un mot d'esprit :

- C'étaient donc des allumettes du gouvernement ?

Elle ne comprit pas et continua :

- Ça se peut bien. Toujours est-il que la quatrième prit feu et j'allumai ma bougie ; puis je rentrai dans ma chambre pour me coucher. Mais au bout d'un quart d'heure, il me sembla qu'on sentait le brûlé. Moi j'ai toujours peur du feu. Oh ! si nous avons jamais un sinistre, ce ne sera pas ma faute ! Surtout depuis le feu de cheminée dont je vous ai parlé, je ne vis pas. Je me relève donc, je sors, je cherche, je sens partout comme un chien de chasse, et je m'aperçois enfin que mon parapluie brûle. C'est probablement une allumette qui était tombée dedans. Vous voyez dans quel état ça l'a mis...

Le directeur en avait pris son parti ; il demanda :

- A combien estimez-vous le dégât ?

Elle demeura sans parole, n'osant pas fixer un chiffre. Puis elle dit, voulant être large :

- Faites-le réparer vous-même. Je m'en rapporte à vous.

Il refusa :

- Non, madame, je ne peux pas. Dites-moi combien vous demandez.

- Mais... il me semble... que... Tenez, monsieur, je ne veux pas gagner sur vous, moi... nous allons faire une chose. Je porterai mon parapluie chez un fabricant qui le recouvrira en bonne soie, en soie durable, et je vous apporterai la facture. Ça vous va-t-il ?

- Parfaitement, madame ; c'est entendu. Voici un mot pour la caisse, qui remboursera votre dépense.

Et il tendit une carte à Mme Oreille, qui la saisit, puis se leva et sortit en remerciant, ayant hâte d'être dehors, de crainte qu'il ne changeât d'avis.

Elle allait maintenant d'un pas gai par la rue, cherchant un marchand de parapluies qui lui parût élégant. Quand elle eut trouvé une boutique d'allure riche, elle entra et dit, d'une voix assurée :

- Voici un parapluie à recouvrir en soie, en très bonne soie. Mettez-y ce que vous avez de meilleur. Je ne regarde pas au prix.

10 février 1884

Le Masque - Guy de Maupassant

Il y avait bal costumé, à l'Élysée-Montmartre, ce soir-là. C'était à l'occasion de la MiCarême, et la foule entrait, comme l'eau dans une vanne d'écluse, dans le couloir illuminé qui conduit à la salle de danse. Le formidable appel de l'orchestre, éclatant comme un orage de musique, crevait les murs et le toit, se répandait sur le quartier, allait éveiller, par les rues et jusqu'au fond des maisons voisines, cet irrésistible désir de sauter, d'avoir chaud, de s'amuser, qui sommeille au fond de l'animal humain. Et les habitués du lieu s'en venaient des quatre coins de Paris, gens de toutes les classes, qui aiment le gros plaisir tapageur, un peu crapuleux, frotté de débauche. C'étaient des employés, des souteneurs, des filles, des filles de tous draps, depuis le coton vulgaire jusqu'à la plus fine batiste, des filles riches, vieilles et diamantées, et des filles pauvres, de seize ans, pleines d'envie de faire la fête, d'être aux hommes, de dépenser de l'argent. Des habits noirs élégants en quête de chair fraîche, de primeurs déflorées, mais savoureuses, rôdaient dans cette foule échauffée, cherchaient, semblaient flairer, tandis que les masques paraissaient agités surtout par le désir de s'amuser. Déjà des quadrilles renommés amassaient autour de leurs bondissements une couronne épaisse de public. La haie onduleuse, la pâte remuante de femmes et d'hommes qui encerclait les quatre danseurs se nouait autour comme un serpent, tantôt rapprochée, tantôt écartée suivant les écarts des artistes. Les deux femmes, dont les cuisses semblaient attachées au corps par des ressorts de caoutchouc, faisaient avec leurs jambes des mouvements surprenants. Elles les lançaient en l'air avec tant de vigueur que le membre paraissait s'envoler vers les nuages, puis, soudain, les écartant comme si elles se fussent ouvertes jusqu'à mi-ventre, glissant l'une en avant, l'autre en arrière, elles touchaient le sol de leur centre par un grand écart rapide, répugnant et drôle. Leurs cavaliers bondissaient, tricotaient des pieds, s'agitaient, les bras remués et soulevés comme des moignons d'ailes sans plumes, et on devinait, sous leurs masques, leur respiration essoufflée. Un d'eux, qui avait pris place dans le plus réputé des quadrilles pour remplacer une célébrité absente, le beau "Songe-au-Gosse", et qui s'efforçait de tenir tête à l'infatigable "Arête-de-Veau", exécutait des cavaliers seuls bizarres qui soulevaient la joie et l'ironie du public. Il était maigre, vêtu en gommeux, avec un joli masque verni sur le visage, un masque à moustache blonde frisée que coiffait une perruque à boucles. Il avait l'air d'une figure de cire du musée Grévin, d'une étrange et fantasque caricature du charmant jeune homme des gravures de mode, et il dansait avec un effort convaincu, mais maladroit, avec un emportement comique. Il semblait rouillé à côté des autres, en essayant d'imiter leurs gambades ; il semblait perclus, lourd comme un roquet jouant avec des lévriers. Des bravos moqueurs l'encourageaient. Et lui, ivre d'ardeur, gigotait avec une telle frénésie que, soudain, emporté par un élan furieux, il alla donner de la tête dans la muraille du public qui se fendit devant lui pour le laisser passer, puis se referma autour du corps inerte, étendu sur le ventre, du danseur inanimé. Des hommes le ramassèrent, l'emportèrent. On criait : "Un médecin." Un monsieur se présenta, jeune, très élégant, en habit noir avec de grosses perles à sa chemise de bal. "Je suis professeur à la Faculté", dit-il d'une voix modeste. On le laissa passer, et il

rejoignit, dans une petite pièce pleine de cartons comme un bureau d'agent d'affaires, le danseur toujours sans connaissance qu'on allongeait sur des chaises. Le docteur voulut d'abord ôter

2

le masque et reconnut qu'il était attaché d'une façon compliquée avec une multitude de menus fils de métal, qui le liaient adroitement aux bords de sa perruque et enfermaient la tête entière dans une ligature solide dont il fallait avoir le secret. Le cou lui-même était emprisonné dans une fausse peau qui continuait le menton, et cette peau de gant, peinte comme de la chair, attenait au col de la chemise. Il fallut couper tout cela avec de forts ciseaux ; et quand le médecin eut fait, dans ce surprenant assemblage, une entaille allant de l'épaule à la tempe, il entrouvrit cette carapace et y trouva une vieille figure d'homme usée, pâle, maigre et ridée. Le saisissement fut tel parmi ceux qui avaient apporté ce jeune masque frisé que personne ne rit, que personne ne dit un mot. On regardait, couché sur des chaises de paille, ce triste visage aux yeux fermés, barbouillé de poils blancs, les uns longs, tombant du front sur la face, les autres courts, poussés sur les joues et le menton, et, à côté de cette pauvre tête, ce petit, ce joli masque verni, ce masque frais qui souriait toujours. L'homme revint à lui après être demeuré longtemps sans connaissance, mais il paraissait encore si faible, si malade, que le médecin redoutait quelque complication dangereuse. - Où demeurez-vous ? dit-il. Le vieux danseur parut chercher dans sa mémoire, puis se souvenir, et il dit un nom de rue que personne ne connaissait. Il fallut donc lui demander encore des détails sur le quartier. Il les fournissait avec une peine infinie, avec une lenteur et une indécision qui révélaient le trouble de sa pensée. Le médecin reprit : - Je vais vous reconduire moi-même. Une curiosité l'avait saisi de savoir qui était cet étrange baladin, de voir où gîtait ce phénomène sauteur. Et un fiacre bientôt les emporta tous deux, de l'autre côté des buttes Montmartre. C'était dans une haute maison d'aspect pauvre, où montait un escalier gluant, une de ces maisons toujours inachevées, criblées de fenêtres, debout entre deux terrains vagues, niches crasseuses où habite une foule d'êtres guenilleux et misérables. Le docteur, cramponné à la rampe, tige de bois tournante où la main restait collée, soutint jusqu'au quatrième étage le vieil homme étourdi qui reprenait des forces. La porte à laquelle ils avaient frappé s'ouvrit et une femme apparut, vieille aussi, propre, avec un bonnet de nuit bien blanc encadrant une tête osseuse, aux traits accentués, une de ces grosses têtes bonnes et rudes des femmes d'ouvrier laborieuses et fidèles. Elle s'écria : - Mon Dieu ! qu'est-ce qu'il a eu ? Lorsque la chose eut été dite en vingt paroles, elle se rassura, et rassura le médecin lui-même, en lui racontant que, souvent déjà, pareille aventure était arrivée. - Faut le coucher, monsieur, rien autre chose, il dormira, et d'main n'y paraîtra plus. Le docteur reprit - Mais c'est à peine s'il peut parler. - Oh ! c'est rien, un peu d'boisson, pas autre chose. Il n'a pas dîné pour être souple, et puis il a bu deux vertes, pour se donner de l'agitation. La verte, voyez-vous, ça lui r'fait des jambes, mais ça lui coupe les idées et les paroles. Ça n'est plus de son âge de danser comme il fait. Non, vrai, c'est à désespérer qu'il ait jamais une raison. Le médecin, surpris, insista : - Mais pourquoi danse-t-il d'une pareille façon, vieux comme il est ? - Elle haussa les épaules, devenue rouge sous la colère qui l'excitait peu à peu. - Ah ! oui, pourquoi !

Parlons-en, pour qu'on le croie jeune sous son masque, pour que les femmes le prennent encore pour un godelureau et lui disent des cochonneries dans l'oreille, pour se frotter à leur peau, à toutes leurs sales peaux avec leurs odeurs et leurs poudres et leurs pommades... Ah ! c'est du propre ! Allez, j'en ai eu une vie, moi, monsieur, depuis quarante ans que cela dure... Mais faut le coucher d'abord pour qu'il ne prenne pas

3

mal. Ça ne vous ferait-il rien de m'aider ? Quand il est comme ça, je n'en finis pas, toute seule. Le vieux était assis sur son lit, l'air ivre, ses longs cheveux blancs tombés sur le visage. Sa compagne le regardait avec des yeux attendris et furieux. Elle reprit : - Regardez s'il n'a pas une belle tête pour son âge ; il faut qu'il se déguise en polisson pour qu'on le croie jeune. Si c'est pas une pitié ! Vrai, qu'il a une belle tête, monsieur ? Attendez, j'vais vous la montrer avant de le coucher. Elle alla vers une table qui portait la cuvette, le pot à eau, le savon, le peigne et la brosse. Elle prit la brosse, puis revint vers le lit et relevant toute la chevelure emmêlée du pochard, elle lui donna, en quelques instants, une figure de modèle de peintre, à grandes boucles tombant sur le cou. Puis, reculant afin de le contempler - Vrai qu'il est bien, pour son âge ? - Très bien, affirma le docteur qui commençait à s'amuser beaucoup. Elle ajouta : - Et si vous l'aviez connu quand il avait vingt-cinq ans ! Mais faut le mettre au lit ; sans ça ses vertes lui tourneraient dans le ventre. Tenez, monsieur, voulez-vous tirer sa manche ?... plus haut... comme ça... bon... la culotte maintenant... attendez, je vais lui ôter ses chaussures... c'est bien. - A présent, tenez-le debout pour que j'ouvre le lit... voilà... couchons-le... si vous croyez qu'il se dérangera tout à l'heure pour me faire de la place, vous vous trompez. Faut que je trouve mon coin, moi, n'importe où. Ça ne l'occupe pas. Ah ! jouisseur, va ! Dès qu'il se sentit étendu dans ses draps, le bonhomme ferma les yeux, les rouvrit, les ferma de nouveau, et dans toute sa figure satisfaite apparaissait la résolution énergique de dormir. Le docteur, en l'examinant avec un intérêt sans cesse accru, demanda : - Alors il va faire le jeune homme dans les bals costumés ? - Dans tous, monsieur, et il me revient au matin dans un état qu'on ne se figure pas. Voyez-vous, c'est le regret qui le conduit là et qui lui fait mettre une figure de carton sur la sienne. Oui, le regret de n'être plus ce qu'il a été, et puis de n'avoir plus ses succès ! Il dormait maintenant, et commençait à ronfler. Elle le contemplait d'un air apitoyé, et elle reprit : - Ah ! il en a eu des succès, cet homme-là ! Plus qu'on ne croirait, monsieur, plus que les plus beaux messieurs du monde et que tous les ténors et que tous les généraux. - Vraiment ? Que faisait-il donc ? - Oh ! ça va vous étonner d'abord, vu que vous ne l'avez pas connu dans son beau temps. Moi, quand je l'ai rencontré, c'était à un bal aussi, car il les a toujours fréquentés. J'ai été prise en l'apercevant, mais prise comme un poisson avec une ligne. Il était gentil, monsieur, gentil à faire pleurer quand on le regardait, brun comme un corbeau, et frisé, avec des yeux noirs aussi grands que des fenêtres. Ah ! oui, c'était un joli garçon. Il m'a emmenée ce soir-là, et je ne l'ai plus quitté, jamais, pas un jour, malgré tout ! Oh ! il m'en a fait voir de dures ! Le docteur demanda : - Vous êtes mariés ? Elle répondit simplement : - Oui, monsieur.... sans ça il m'aurait lâchée comme les autres. J'ai été sa femme et sa bonne, tout, tout ce qu'il a voulu... et il m'en a fait pleurer... des larmes que je ne lui montrais pas ! Car il me racontait ses aventures, à moi... à moi... monsieur... sans comprendre

quel mal ça me faisait de l'écouter... - Mais quel métier faisait-il, enfin ? - C'est vrai... j'ai oublié de vous le dire. Il était premier garçon chez Martel, mais un premier comme on n'en avait jamais eu... un artiste à dix francs l'heure, en moyenne... - Martel ?... qui ça, Martel ?... - Le coiffeur, monsieur, le grand coiffeur de l'Opéra qui avait toute la clientèle des

4

actrices. Oui, toutes les actrices les plus huppées se faisaient coiffer par Ambroise et lui donnaient des gratifications qui lui ont fait une fortune. Ah ! monsieur, toutes les femmes sont pareilles, oui, toutes. Quand un homme leur plaît, elles se l'offrent. C'est si facile... et ça fait tant de peine à apprendre. Car il me disait tout... il ne pouvait pas se taire... non, il ne pouvait pas. Ces choses-là donnent tant de plaisir aux hommes ! plus de plaisir encore à dire qu'à faire peut-être. Quand je le voyais rentrer le soir, un peu pâlot, l'air content, l'oeil brillant, je me disais : "Encore une. Je suis sûre qu'il en a levé encore une." Alors j'avais envie de l'interroger, une envie qui me cuisait le coeur, et aussi une autre envie de ne pas savoir, de l'empêcher de parler s'il commençait. Et nous nous regardions. Je savais bien qu'il ne se tairait pas, qu'il allait en venir à la chose. Je sentais cela à son air, à son air de rire, pour me faire comprendre : "J'en ai une bonne aujourd'hui, Madeleine." Je faisais semblant de ne pas voir, de ne pas deviner ; et je mettais le couvert, j'apportais la soupe, je m'asseyais en face de lui. Dans ces moments-là, monsieur, c'est comme si on m'avait écrasé mon amitié pour lui dans le corps, avec une pierre. Ça fait mal, allez, rudement. Mais il ne saisissait pas, lui, il ne savait pas ; il avait besoin de conter cela à quelqu'un, de se vanter, de montrer combien on l'aimait... et il n'avait que moi à qui le dire... vous comprenez... que moi... Alors... il fallait bien l'écouter et prendre ça comme du poison. Il commençait à manger sa soupe et puis il disait : - Encore une, Madeleine. Moi je pensais : "Ça y est. Mon Dieu, quel homme ! Faut-il que je l'aie rencontré." Alors, il partait : "Encore une, et puis une chouette..." Et c'était une petite du Vaudeville ou bien une petite des Variétés, et puis aussi des grandes, les plus connues de ces dames de théâtre. Il me disait leurs noms, leurs mobiliers, et tout, tout, oui tout, monsieur... Des détails à m'arracher le coeur. Et il revenait là-dessus, il recommençait son histoire, d'un bout à l'autre, si content que je faisais semblant de rire pour qu'il ne se fâche pas contre moi. Ce n'était peut-être pas vrai tout ça ! Il aimait tant se glorifier qu'il était bien capable d'inventer des choses pareilles ! C'était peut-être vrai aussi. Ces soirs-là, il faisait semblant d'être fatigué, de vouloir se coucher après souper. On soupait à onze heures, monsieur, car il ne rentrait jamais plus tôt, à cause des coiffures de soirée. Quand il avait fini son aventure, il fumait des cigarettes en se promenant dans la chambre, et il était si joli garçon, avec sa moustache et ses cheveux frisés, que je pensais : "C'est vrai, tout de même, ce qu'il raconte. Puisque j'en suis folle, moi, de cet homme-là, pourquoi donc les autres n'en seraient-elles pas aussi toquées ?" Ah ! j'en ai eu des envies de pleurer, et de crier, et de me sauver, et de me jeter par la fenêtre, tout en desservant la table pendant qu'il fumait toujours. Il bâillait, en ouvrant la bouche, pour me montrer combien il était las, et il disait deux ou trois fois avant de se mettre au lit : "Dieu que je dormirai bien cette nuit !" Je ne lui en veux pas, car il ne savait point combien il me peinait. Non, il ne pouvait pas le savoir ! il aimait se vanter des femmes comme un paon

qui fait la roue. Il en était arrivé à croire que toutes le regardaient et le voulaient. Ça a été dur quand il a vieilli. Oh ! monsieur, quand j'ai vu son premier cheveu blanc, j'ai eu un saisissement à perdre le souffle, et puis une joie - une vilaine joie - mais si grande, si grande !!! Je me suis dit : "C'est la fin... c'est la fin..." Il m'a semblé qu'on allait me sortir de prison. Je l'aurais donc pour moi toute seule, quand les autres n'en voudraient plus. C'était un matin, dans notre lit. - Il dormait encore, et je me penchais sur lui pour le réveiller en l'embrassant lorsque j'aperçus dans ses boucles, sur la tempe, un petit fil qui brillait comme de l'argent. Quelle surprise ! Je n'aurais pas cru cela possible ! D'abord j'ai pensé à l'arracher pour qu'il ne le vît pas, lui ! niais, en regardant bien, j'en aperçus un autre plus haut. Des cheveux blancs ! il allait avoir des cheveux blancs ! J'en avais le coeur

5

battant et une moiteur à la peau ; pourtant, j'étais bien contente, au fond ! C'est laid de penser ainsi, mais j'ai fait mon ménage de bon coeur ce matin-là, sans le réveiller encore, et quand il eut ouvert les yeux, tout seul, je lui dis : - Sais-tu ce que j'ai découvert pendant que tu dormais ? - Non. - J'ai découvert que tu as des cheveux blancs. Il eut une secousse de dépit qui le fit asseoir comme si je l'avais chatouillé et il me dit d'un air méchant - C'est pas vrai ! - Oui, sur la tempe gauche. Il y en a quatre. Il sauta du lit pour courir à la glace. Il ne les trouvait pas. Alors je lui montrai le premier, le plus bas, le petit frisé, et je lui disais : - Ça n'est pas étonnant avec la vie que tu mènes. D'ici à deux ans tu seras fini. Eh bien ! monsieur, j'avais dit vrai, deux ans après on ne l'aurait pas reconnu. Comme ça change vite un homme ! Il était encore beau garçon, mais il perdait sa fraîcheur, et les femmes ne le recherchaient plus. Ah ! j'en ai mené une dure d'existence, moi, en ce tempslà ! il m'en a fait voir de cruelles ! Rien ne lui plaisait, rien de rien. Il a quitté son métier pour la chapellerie, dans quoi il a mangé de l'argent. Et puis il a voulu être acteur sans y réussir, et puis il s'est mis à fréquenter les bals publics. Enfin, il a eu le bon sens de garder un peu de bien, dont nous vivons. Ça suffit, mais ça n'est pas lourd ! Dire qu'il a eu presque une fortune à un moment. Maintenant vous voyez ce qu'il fait. C'est comme une frénésie qui le tient. Faut qu'il soit jeune, faut qu'il danse avec des femmes qui sentent l'odeur et la pommade. Pauvre vieux chéri, va ! Elle regardait, émue, prête à pleurer, son vieux mari qui ronflait. Puis, s'approchant de lui à pas légers, elle mit un baiser dans ses cheveux. Le médecin s'était levé, et se préparait à s'en aller, ne trouvant rien à dire devant ce couple bizarre. Alors, comme il partait, elle demanda : - Voulez-vous tout de même me donner votre adresse ? S'il était plus malade j'irais vous chercher.

10 mai 1889